



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Câmpus de Bauru

Aline Cristina Martins Campanhã

**Jornalismo verde:**

Reflexões do jornalismo ambiental e regional em comunidades  
ribeirinhas da região do Baixo Rio Branco

Bauru  
2019

Aline Cristina Martins Campanhã

**Jornalismo verde:**

Reflexões do jornalismo ambiental e regional em comunidades  
ribeirinhas da região do Baixo Rio Branco

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo,  
junto do Curso de Jornalismo, da Faculdade  
de Artes, Arquitetura e Comunicação da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de  
Mesquita Filho”, Câmpus de Bauru, sob a  
orientação do Prof. Associado Juliano  
Maurício de Carvalho.

Bauru  
2019

Martins Campanhã, Aline Cristina.  
Reflexões do jornalismo ambiental e regional em comunidades  
ribeirinhas da região do Baixo Rio Branco/ Aline Cristina Martins  
Campanhã. - Bauru, 2019

Orientador: Juliano Maurício de Carvalho  
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual Paulista  
Júlio de Mesquita Filho (Unesp),  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Câmpus de Bauru

Aline Cristina Martins Campanhã

**Jornalismo verde:**

Reflexões do jornalismo ambiental e regional em comunidades  
ribeirinhas da região do Baixo Rio Branco

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo,  
junto ao Conselho de Curso de jornalismo, da  
Faculdade de Arquitetura, Artes e  
Comunicação da Universidade Estadual  
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de  
Bauru.

**Comissão Examinadora**

Prof. Associado Juliano Maurício de Souza  
UNESP – Câmpus de Bauru  
Orientador

Prof<sup>a</sup>. Aline Camargo  
UNESP – Câmpus de Bauru

Prof. Juliano Sousa  
UNESP – Câmpus de Bauru

Bauru  
27 de novembro de 2019

## AGRADECIMENTOS

Confesso que pensei que escrever um agradecimento fosse algo mais fácil. Tento há horas, sentada na frente do computador, com um nó na garganta e os olhos cheios de lágrimas, já que passa um filme na cabeça. Além de fazer o agradecimento pela pesquisa, unirei um só à faculdade, e aproveito para pedir desculpas aqueles que não estão nessas linhas, mas que se encontra em meu coração.

Primeiramente, olho para o céu e agradeço o Cara lá de cima. O Senhor da minha vida, que com todas as bênçãos diárias me guiou - e me guia -, junto à mãe Maria, para que eu chegasse onde estou. Com toda certeza, nada seria igual, se Deus não estivesse presente!

Agradeço, em seguida, a minha base, a minha fortaleza, a minha rocha e refúgio: os meus familiares. A minha mãe, que como guerreira, segurou todas as pontas. Me incentivou a não desistir dos meus sonhos e acreditou em mim, desde o primeiro momento que contei a escolha da minha profissão. Obrigada a ela que esteve presente, compartilhando o sorriso das vitórias e as lágrimas que insistiram em cair quando algo saiu do controle. Que atendeu aos telefonemas e, muitas vezes, veio correndo até Bauru, em um dos períodos mais difíceis da minha vida. Que me ensinou como caminhar sozinha, mas que não largou da minha mão, em momento algum, até eu conseguir andar. Agradeço ao meu pai, que me influenciou com o seu gosto pela leitura, e transferiu o sonho de cursar jornalismo a sua primogênita. Com sua preocupação, sempre fez de tudo para eu permanecer em Bauru, se desdobrando de todas as formas e me dando forças para continuar. Com seu exemplo batalhador e seu coração amolecido, foi meu fã número um, desde sempre. Obrigada ao Felipe, que com seu jeito único é, com certeza, o melhor presente que meus pais podiam ter me dado. Por compartilhar uma vida comigo e estar sempre presente, ser meu melhor amigo e parceiro de boas histórias. Faço de tudo para ser seu exemplo e prometo que estarei ao seu lado, bem coruja, como sempre. Agradeço ao meu tio e padrinho, no qual sou tão parecida, que é movido pela comunicação, que não tem o apelido de VHS à toa, e foi a minha primeira e maior inspiração na profissão. Obrigada por cuidar de mim como uma filha e me dar uma madrinha maravilhosa, a Mônica. A qual eu agradeço, também, por toda torcida e incentivo no âmbito educacional. Agradeço ao meu bem mais precioso, ao homer

da minha vida e meu verdadeiro amor, o meu avô. Que tem uma garra inabalável e consegue transmitir a todos, o seu verdadeiro e imenso coração. Obrigada por me fazer apaixonar pelo futebol e me chamar para assistir contigo, desde pequena, qualquer jogo que estivesse passando. Por amar o XV de Jaú com todas as forças e, mesmo sendo corintiano roxo, torcer pelo Palmeiras não perder, só para ver os seus netos felizes (risos). Para finalizar o ciclo familiar, agradeço a responsável, junto ao meu avô, pela formação dessa família. Hoje, a minha segunda mãe, não se encontra mais aqui, mas todos os dias sou grata a ela por tanto aprendizado e tanto amor. Obrigada por acreditar na sua neta, e a proteger dos perigos. Por me ensinar a ser uma pessoa do bem e a batalhar por aquilo que sonhamos. Carrego você em meu peito e em todas as minhas atitudes tento ser a mais parecida contigo. Espero te encher de orgulho, já que essa conquista é para você.

Agradeço a Luisa, que partilhou nesses quatro anos, muito além da faculdade. Dividiu apartamento com a menina agitada do sotaque esquisito e, rapidamente, já me incluiu em sua família. Obrigada por ser, estar e permanecer em momentos de relações voláteis. Obrigada por ser minha amiga e irmã, que independente da situação me apoia, me dá colo e acompanha os meus risos. Obrigada a Paula, que entrou no nosso prédio e, conseqüentemente, na minha vida. Por me ser minha amiga de um jeito único, e me contagiar com a sua risada e com o seu jeito de viver. Agradeço ao Mathias, ou Luis Felipe, como gosto de te chamar às vezes, por ser meu irmão. Por me amar, independente dos meus defeitos e qualidades, sempre criando um horário na sua agenda corrida, para mim. Aproveito, também, para fazer um agradecimento especial a todos os amigos e colegas que fiz nessa faculdade. Desde o nosso grupo “Mais Íntimos” até a RUV. Aos colegas de turma, dos quais tive mais contato aos que pouco conversei, e que puderam me ensinar muito nessa fase. As minhas amigas de Jaú, também, deixo meu agradecimento. Que há quilômetros de distância - já que cada uma está em um canto do país - foram essenciais nessa graduação e nessa fase do TCC. Obrigada por serem as melhores que eu poderia ter!

Deixo minha gratidão, também, a Editora Alto Astral, que me proporcionou uma primeira experiência incrível com o jornalismo. Agradeço por todo aprendizado, pelas amizades feitas e por regar a minha paixão por essa profissão. Agradeço a

Agência Netshare, que há seis meses me abriu as portas e, desde então, vem me proporcionando uma experiência profissional e pessoal incrível.

Por fim, agradeço aqueles que foram essenciais para a conclusão deste curso: os professores, desde os primeiros anos escolares, até o último da faculdade. Um obrigada especial ao meu professor orientador, Juliano Maurício de Carvalho, que acreditou no meu potencial e foi, junto a mim, até o final da pesquisa. A minha xará, Aline Camargo, por ensinar, com brilho nos olhos, a paixão pela profissão e pela vida. E ao Juliano Souza por passar tanto amor e aprendizado aos seus alunos, sejam eles profissionais ou pessoais. Vocês são verdadeiros exemplos para a que vos fala!

## RESUMO

A monografia reflete a literatura sobre o jornalismo regional e jornalismo ambiental com o objetivo de compreender iniciativas, projetos e produções na região Amazônica e, mais especificamente, nas comunidades ribeirinhas da região do Baixo Rio Branco de produções jornalísticas. A metodologia faz uso da revisão de literatura com relação às abordagens de jornalismo regional e ambiental e, a partir dessa literatura, buscou-se caracterizar a região, a partir da descrição de veículos e de produções jornalísticas havidas, vivenciadas nas onze comunidades: Remanso, Cachoeirinha, Canauini, Terra Preta, Sacaí, Tanauau, Itaquera e Xixuau, no período de primeiro a doze de abril, de 2019. Como resultado, observamos um alto consumo do jornalismo de entretenimento e as mudanças causadas pela chegada da internet e do celular às comunidades.

**Palavras-chave:** Jornalismo, Jornalismo Regional, Comunidades Ribeirinhas, Região do Baixo Rio Branco.



## **ABSTRACT**

This undergraduate thesis analyzes the literature on regional journalism and environmental journalism in order to describe initiatives, projects and productions in the Amazon region and, more specifically, in the riverside communities of the “Baixo do Rio Branco” region of journalistic productions. The methodology reviewed the literature regarding the concepts of regional and environmental journalism, , and from this literature sought to identify a characterization of the region and a description of vehicles and journalistic Productions, It was also sought as support, as a complement, the experience carried out in the eleven communities: Remanso, Cachoeirinha, Canauini, Terra Preta, Sacaí, Tanauau, Itaquera and Xixuau. From April 1st to April 12th, 2019. As a result, there is a high consumption of entertainment journalism and the changes caused by the arrival of the internet and mobile phones in communities.

**Keywords:** Journalism, Regional Journalism, Riverside Communities, “Baixo do Rio Branco” Region.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Rios Navegados na Expedição .....	57
Figura 2 - Histórico de Atendimento Doutores das Águas .....	61

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sistemas de Comunicação da Região do Baixo Rio Branco.....	42
Tabela 2 – Escolaridade na região do Baixo Rio Branco.....	50
Tabela 3 - As regiões entre os Ribeirinhos.....	51
Tabela 4 - Procedência da água para consumo .....	52
Tabela 5 - Meios de Comunicação.....	53
Tabela 6 - Cronograma da Expedição.....	56
Tabela 7 - Faixa Etária na Região do Baixo Rio Branco.....	65

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Metodologia	13
1.2 Caracterização dos capítulos	15
2 JORNALISMO ESPECIALIZADO	18
2.1 Jornalismo regional	18
2.2 Descentralização das massas comunicadoras	21
2.2.1 O primeiro veículo regional: o impresso	23
2.2.2 O rádio regional	24
2.2.3 A televisão: um fenômeno local	27
2.2.4 A internet e o giro na informação	28
3 COMUNICAÇÃO E JORNALISMO AMBIENTAL	30
3.1 Funções do jornalismo ambiental	32
4 NA AMAZÔNIA, O JORNALISMO	35
4.1 Cultura, Representação e Identidade	35
4.2 A informação no Norte	37
4.3 Os meios de hoje	42
4.4 A mídia com dados	44
5 A ÁREA RURAL AMAZÔNICA	47
5.1 Comunidades Ribeirinhas	47
6 A COMUNICAÇÃO NA REGIÃO DO BAIXO RIO BRANCO	54
6.1 Doutores das Águas	54
6.1.1 A expedição	56
6.2 Região do Baixo Rio Branco	57
6.4 A informação relacionada aos dados de atendimento	59
6.5 O poder dos instrumentos de comunicação	61
6.6 A informação e a emigração	65
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

## **1. INTRODUÇÃO**

Em uma região afastada dos grandes centros urbanos, onde a população possui uma estreita relação com a natureza, tornando-os grandes detentores do conhecimento sobre os aspectos relacionados a fauna e a flora, alimentando uma cultura própria, a qual é transmitida de pai para filho, as comunidades Ribeirinhas ainda hoje convivem com o isolamento econômico e social, vivendo as margens de uma série de políticas públicas e mecanismos de qualidade de vida. Mas apesar dos desafios impostos pelos rios e florestas, do isolamento e das limitações, ainda assim podemos observar o jornalismo presente, revelando uma forte influência na vida de cada amazonense. O grande avanço nas tecnologias ligadas às comunicações, cuja principal finalidade está em suprir à necessidade humana de se comunicar a distância, foi essencial para a interligação da Amazônia com o restante do país, tanto para a sua parte urbana, quanto para a área rural, tornando o jornalismo peça fundamental nesse contexto. Por intermédio de uma viagem com a ONG Doutores das Águas na região do Baixo Rio Branco, tornou-se possível observar os hábitos e costumes dessa região, onde, apesar de um jornalismo com informações ainda um tanto “tímidas”, revela princípios de potencialidade no tocante a educação e a saúde.

Este trabalho reflete as duas áreas do jornalismo, o regional e o ambiental, e observa esses temas em produtos e empresas da região, com o objetivo de compreender iniciativas, projetos e produções da região do Baixo Rio Branco.

Com poucos artigos e estudos sobre esse tema, aventurar-se em meio à cultura fascinante dos ribeirinhos foi a minha melhor escolha. O jornalismo já chega às casas, e é por meio dele que o desenvolvimento nessas regiões, já começa a apresentar indícios, ainda que timidamente, de estar acontecendo.

### **1.1 Metodologia**

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa exploratória e descritiva. Ambas são métodos de estudo que partem da observação e pesquisa bibliográfica de um tema escolhido. Segundo Gil (1987), há a necessidade da pesquisa bibliográfica, pois mesmo que existam poucas referências sobre o assunto

analisado, nenhuma pesquisa pode começar do zero. Santos (2015) completa dizendo que sempre haverá alguma obra, entrevista ou análises de exemplos que podem estimular a compreensão sobre o seu estudo.

A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar uma maior familiaridade com o problema, de maneira a torná-lo mais explícito, favorecendo a construção de hipóteses. Estudos como esse envolvem, para a coleta de informações, um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema analisado e análises de exemplos que estimulem a compreensão do estudo (GIL, 1987).

Tendo sido formulada provisoriamente, a questão inicial necessita ter certa qualidade de informações sobre o objeto em estudo e encontrar a melhor forma de abordá-lo. Esta é a função do trabalho exploratório. Este se compõe de duas partes, que podem ser realizadas paralelamente: a leitura, como vimos acima, e a coleta de informações através de entrevistas, documentos, observações. As leituras servem primeiramente para nos informarmos das pesquisas já realizadas sobre o tema e obtermos contribuições para o projeto de pesquisa. As entrevistas e observações completam as leituras. Elas permitem ao pesquisador tomar consciência dos aspectos da questão que sua própria experiência e suas leituras não puderam evidenciar. As entrevistas ou observações exploratórias podem preencher essa função quando não são muito diretivas, pois o objetivo não consiste em validar as ideias preconcebidas do pesquisador, mas em encontrar outras ideias (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1995, p.44).

Por sua vez, a pesquisa descritiva, também, analisa inúmeras informações sobre um determinado assunto, sendo a principal diferença em relação à pesquisa exploratória, o que está sendo pesquisado, que, nesse caso, já é conhecido. Ou seja, a principal função dessa análise é proporcionar novas visões sobre uma realidade já dita (SANTOS, 2015). Segundo Triviños (1987), esse tipo de estudo tem como objetivo descrever, de maneira subjetiva ou objetiva, os fatos e fenômenos de uma determinada realidade.

A partir desses dois tipos de pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico com autores, que, também, pesquisaram o jornalismo na região Amazônica, trazendo dados relevantíssimos e essenciais para a realização deste trabalho. Sendo eles: Wilson da Costa Bueno, Cicília Peruzzo, Sandro Adalberto Colferai, Eula Dantas Taveira Cabral, entre tantos outros excelentes pesquisadores.

Além deles, a metodologia se propôs, também, a relatar os dados disponíveis em fontes do IBGE, documentos oficiais, livros sobre a existência da mídia na

Amazônia e, mais especificamente, a buscar informações sobre a vida dos caboclos, diretamente nas próprias comunidades ribeirinhas, podendo, assim, identificar os usos e consumos do jornalismo nessas regiões. Finalmente, como incorporação ao trabalho, buscamos entrevistas realizadas como apoio a incursão dessa pesquisa nas comunidades, em um intervalo de doze dias, durante o ano de 2019<sup>1</sup>.

## **1.2 Caracterização dos capítulos**

Para finalizar a introdução, foi feita uma breve explanação dos capítulos com o objetivo de apresentar o que foi estudado e analisado na pesquisa. O primeiro capítulo é focado no jornalismo e suas subáreas com o objetivo de expor o jornalismo regional e as suas especificidades. Perpassa o seu surgimento e discorre, em ordem crescente de chegada, sobre os principais meios de comunicação dessa subárea: o impresso, o rádio, a televisão e a internet.

O segundo capítulo caracteriza a comunicação e outra subárea importante nesta pesquisa: o jornalismo ambiental. Define-o como um jornalismo especializado voltado para uma grande exigência de conhecimento acerca do meio ambiente, além de provocar críticas a maior parte dos veículos que não estão dispostos a ter uma equipe sábia para esse tema. Ainda no mesmo capítulo, as funções informativa, pedagógica e política do jornalismo ambiental são bem delimitadas, ficando evidente as suas principais funções e objetivos.

O capítulo terceiro afunila o estudo, levando-o a uma definição da região Amazônica e do jornalismo nessa cultura, principalmente nas áreas rurais. Assim, é explícita, a informação nas áreas mais afastadas da região norte, observando o tipo de jornalismo feito em cada região amazonense e o quanto de informação chega a esses locais. Para sustentar o estudo, uma caracterização da cultura ribeirinha foi realizada. Dando sequência, o rádio na Amazônia, juntamente a televisão, tem seus espaços garantidos neste capítulo. Aqui, se apresenta, também,

---

<sup>1</sup>A viagem foi realizada juntamente a OSCIP, Doutores das Águas. A expedição é dividida em duas etapas, participei da primeira dela, em um período de doze dias, visitando as comunidades ribeirinhas. Fiz parte da educação recreativa, e pude observar, de perto, a realidade dos caboclos, o que contribui para o estudo da pesquisa.

a história da Rede Amazônica de Rádio e Televisão, que surgiu em 1968, e foi essencial ao desenvolvimento dos meios de comunicação na Amazônia. Enfim, nesse mesmo capítulo, chega-se aos meios de comunicação atuais, que chamam a atenção nas regiões amazônicas, e, por meio de dados, comprovam o grande avanço do jornalismo na Amazônia.

Na penúltima parte da pesquisa, as comunidades ribeirinhas são caracterizadas. Nela conta-se como são criadas as vidas nessa região, e o quanto o rio significa a eles, já que tem influência direta no plantio, na fertilização das suas margens, na construção das suas casas, além de lhes oferecer proteção. Destaca-se que a sobrevivência dos caboclos é dada a tudo que a floresta amazônica lhes proporciona, ou seja, desde a sua alimentação até a sua economia, a base advém da floresta. Com trabalhos na roça, a maioria consegue sua renda familiar, que, em média, é um terço do salário mínimo, por meio da castanha, da mandioca, da cana-de-açúcar, do açaí, da pesca, da economia fluvial e do extrativismo vegetal. Aqui, observa-se, também, a baixa expectativa de vida, que ligada às condições precárias de saúde, higiene e educação, em 2018, foi a quarta pior do país. Com atendimento médico em cidades distantes, a ida aos consultórios e hospitais não se faz presente. A falta de água potável acarreta em uma utilização da água do rio, que por falta do acesso a educação, faz os ribeirinhos não entenderem a gravidade de se ter altos índices de verminose e doenças relacionadas a falta de higiene, na região. A falta de energia elétrica contínua nas comunidades, também, é atentada neste quarto capítulo. Ou seja, evidencia-se um ambiente desfavorável a propagação do jornalismo e da informação.

Finalmente, o último capítulo da monografia tem como base a pesquisa exploratória e descritiva, realizada durante os doze dias passados na região do Baixo Rio Branco. De modo minucioso, ele descreve as comunidades visitadas, o trabalho feito nas expedições da Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), Doutores das Águas e apresenta, com olhares ribeirinhos, a chegada da informação, e o poder que o jornalismo tem, atualmente, nas comunidades. Nota-se, um grande advento comunicacional em 2017, que é essencial para o desenvolvimento intelectual, social e cultural na região: a chegada da internet no celular. Foi só a partir do surgimento desse aparelho eletrônico, que os caboclos passaram a se sentir inseridos no mundo globalizado, aumentando,



assim, o interesse pela informação e a curiosidade pelo que vai além daquela região, ocasionando mudanças relevantes na vida dos cidadãos rurais amazonenses, como a crescente emigração em busca de estudo e saúde.

## 2 JORNALISMO ESPECIALIZADO

O jornalismo é um serviço profissional da área da comunicação cujo principal objetivo é transformar a informação em notícia. A prática de coletar, redigir, editar e publicar informações faz do jornalista, aquele que exerce a profissão, um verdadeiro contador de histórias reais. “O jornalista deve saber selecionar o que interessa e é útil ao público; buscar a associação entre essas duas qualidades, dando à informação veiculada a forma mais atraente possível” (LAGE, 2014, p.21), além de ser seu dever trabalhar com a veracidade dos fatos e a confiabilidade das informações.

Com uma cobertura jornalística que assumiu, ao longo do tempo, diferentes perspectivas em relação a uma mesma causa, o jornalismo especializado, conquistou a sua importância na imprensa. Com assuntos abrangentes e complexos, ele permeia temas científicos, tecnológicos e inovadores: mudanças climáticas, astrofísica, alimentos transgênicos, sócio biodiversidade, nanotecnologia etc, fortalecendo, assim, a modalidade denominada de jornalismo científico.

“O jornalismo científico é um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano linguístico, por uma operação que torna fluida a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado.” (FILHO, 2004, p.3).

Esse tornou-se, por sua vez, o responsável pelas criações de subáreas com relativa autonomia: jornalismo em saúde, jornalismo ambiental, jornalismo agropecuário, jornalismo em informática, jornalismo regional etc (BUENO; SANTOS, 2015).

### 2.1 Jornalismo regional

Voltado para uma região específica, o jornalismo regional, classificado por Bueno (2015) como uma subárea, age com o seu papel de especificidade e dialoga, diretamente, com a população do lugar a quem se fala. Ele faz uso de dialetos comuns à localidade, trata de assuntos de interesses exclusivos daqueles que ali vivem e enxergam o modo de vida único das áreas da sua circulação (BUENO, 2015). Assim, para compreender a constituição do jornalismo regional, e todas as

outras áreas do jornalismo, é necessário entender o contexto da região e as transformações históricas dele enquanto profissional.

A partir de 1808, com a corte portuguesa, foi instalada a tipografia da Imprensa Régia<sup>2</sup>. Durante a primeira metade do século XIX, alguns jornais como o Correio Braziliense, A Gazeta do Rio de Janeiro, o Jornal do Comércio, o Diário de Pernambuco, passaram a circular no Brasil, juntamente aos jornais europeus (ROCHA; ZAUITH, 2011, p.4). Atada as grandes notícias, com uma linguagem opinativa, a imprensa regional também surgiu. Ela começou a escrever sua história noticiando acontecimentos locais, como epidemias, greves, crimes, acontecimentos esportivos e culturais, posses de políticos, entre outros. Foi só na década de 1960, com a profissionalização das equipes jornalísticas, que a transição do jornalismo opinativo regional para o jornalismo informativo e interpretativo começou a acontecer. Apesar de tardio, o surgimento de jornalistas nas equipes de comunicação foi essencial para o amadurecimento da prática (ROCHA; ZAUITH, 2011, p.7-8).

Além do jornalismo regional, caminhar junto ao surgimento do jornalismo no Brasil, “ele não acompanhou a velocidade do crescimento econômico regional e muito menos a dinâmica da imprensa nacional” (ROCHA; ZAUITH, 2011, p.10), entre as décadas de 1930 e 1980. Desse modo, a imprensa regional só conquistou o seu espaço ao tornar-se fonte de estudo, no final do século XX, na década de noventa, depois de chamar a atenção dos públicos locais por apresentar assuntos de interesses próprios que, até então, eram pouco encontrados na mídia global (PERUZZO, 2005).

Além de estudar o processo histórico do Brasil, para entender, por completo, o jornalismo regional, é necessário, também, compreender o que a comunicação local significa para essa subárea da comunicação. Segundo Ortiz (1999), quando nos referimos ao “local”, imaginamos um espaço restrito no qual se desenrola a vida

---

<sup>2</sup> Imprensa Régia foi criada em 13 de maio de 1808, dia do aniversário do príncipe regente D. João (1767-1826). Nela foi editado o primeiro jornal da colônia americana: a *Gazeta do Rio de Janeiro*. O periódico possibilitou a circulação de notícias, embora restritas, por ser um veículo usado para expandir a imagem que convinha à Casa de Bragança (Família de Bragança). A publicação indicava, também, onde adquirir gêneros que atendessem ao paladar daqueles que migraram para os trópicos: pães de diversos tipos, vinhos variados, salames italianos, presuntos portugueses. A IMPRENSA RÉGIA. MultiRio, a mídia educativa da cidade. Rio de Janeiro. Estude. A cidade como a capital do Reino. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/52-o-rio-de-janeiro-como-a-capital-do-reino/2483-a-imprensa-regia>. Acesso em: 03/10/2019

de um grupo ou de um conjunto de pessoas. “Ele possui um contorno preciso, a ponto de se tornar baliza territorial para os hábitos cotidianos” (ORTIZ, 1999, p. 59, grifos do autor).

A partir dessa significação somada a comunicação, é possível entender que o local abordado pelo jornalismo regional é aquele que envolve uma comunidade específica com os seus hábitos, costumes e cotidiano (AVRELLA, 2014). Cicilia Peruzzo de contribui com afirmações a respeito da definição de local.

O local se caracteriza como um espaço determinado, um lugar específico de uma região, no qual a pessoa se sente inserida e partilha sentidos. É o espaço que lhe é familiar, que lhe diz respeito mais diretamente, muito embora as demarcações territoriais não lhe sejam determinantes (PERUZZO, 2006, p. 144).

Dessa maneira, observa-se a necessidade dos veículos de comunicação destinados à cobertura regional, pois há um grande interesse por parte da população de determinada área em estar informada dos fatos que as rodeiam. A imprensa local, além de qualquer outra, conhece com propriedade a cultura daquela zona e permite que a população participe do desenvolvimento local ao tratar de temas diferentes e necessários para a realização da cidadania (RIBEIRO; BOTELHO, 2005).

Além da demarcação territorial e geográfica ser um assunto delicado, quando se fala de jornalismo regional, outro que também é tratado com cautela é o conceito de representação. Apesar de lógico, é importante deixar claro que o jornalismo regional não age com o seu papel, ao replicar notícias dos grandes centros econômicos para regiões diferentes dessas. Mas, agir com a sua verdadeira função e representar a região para quem se fala é muito mais complicado do que aparenta. Segundo Peruzzo (2005), o jornalismo local revela muitas tendências, principalmente, atualmente. Os laços políticos locais são muito fortes e comprometem a informação de qualidade.

## **2.2 Descentralização das massas comunicadoras**

Mesmo sendo um período extremamente complicado às inovações tecnológicas brasileiras, foi na metade dos anos noventa, no século XX, que a migração e a expansão dos programas das grandes massas às regiões menos acessíveis aconteceram (BIANCO, 1999). Isso, porque o governo nacional tinha a necessidade de atrair investimentos privados para a modernização de sua infraestrutura, realizando, então, reformas em suas legislações internas, a fim de incentivar a liberação dos serviços de comunicações. Com a eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1995, o Ministério das Comunicações, como era nomeado na época o atual Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), passou a reorganizar o setor com o intuito da descentralização midiática e, conseqüentemente, da ampliação do número de emissoras em regiões que não eram servidas pelos meios comunicativos (MARTINS, 1999). Com uma função comportamental, o jornalismo regional passou a preencher a lacuna da informação, que foi deixada pela prática jornalística nacional, referente à multiplicidade de acontecimentos que ocorriam no país (DEOLINDO, 2013) A mídia regional passou a apresentar à população notícias de interesses direto e próximo da comunidade, ao mesmo tempo em que fazia uma cobertura geral dos acontecimentos dos grandes centros para mantê-los informados (DEOLINDO, 2013).

Segundo Reis (2018), entender o que faz um acontecimento, em detrimento a outro, receber o status de notícia no jornalismo regional, é uma das principais questões levantadas pelos estudos, que têm o jornalismo como objeto de reflexão. A seleção das notícias é guiada pelos chamados critérios de noticiabilidade, que “são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 63). Para Traquina (2008), os valores notícias são divididos em dois grandes grupos, o de seleção e o de construção. Enquanto o primeiro, respectivamente, apresenta como critérios a morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito ou controvérsia e infração, o segundo traz a simplificação,

amplificação, relevância, personalização e dramatização como parâmetros. De maneira indiscutível, o critério noticioso mais forte na produção jornalística regional é o da proximidade, já que a principal função da imprensa regional é noticiar um evento local aos seus leitores.

Para um profissional atuante no jornal do interior, a proximidade, associada à atualidade, prevalece no momento de seleção de uma notícia. Depois se agregam outros elementos, como importância, tamanho etc. Uma notícia sobre alguma medida tomada pelo governo federal pode ser atual, importante e se enquadrar nas medidas disponíveis na página, mas será descartada se não tiver um elemento de interesse estritamente local (FERNANDES, 2013, p.115).

Além de a proximidade ser um dos elementos mais importantes da notícia, ela é o grande potencial comunicativo dos meios locais. As matérias cuja localização geográfica coincida com a região são muito mais consumidas e valorizadas do que as de grandes fatos nacionais. Isso é uma forma de seduzir o leitor para a sua produção, fazendo com que ele recorra à grande mídia apenas em casos de grandes tragédias, por exemplo, (ALSINA, 2009). Mas, é importante salientar, que a influência da proximidade não restringe a escolha das pautas: ela é presença marcante na angulação das notícias. Assim, temas nacionais podem e devem ser transportados para o interior, desde que recebam um tratamento integralmente local.

É muito comum existir a tendência de a mídia local reproduzir a grande imprensa, ao imitar o estilo de tratamento da informação ou dedicar amplos espaços para notícias nacionais e internacionais, às vezes por exigência das matrizes, como no caso das redes de televisão, ou então como estratégia operativa. Por meio de contrato com agências de notícias, reprodução de colunas de articulistas renomados ou mesmo a apropriação de temas tratados em reportagens especiais, muitos jornais locais tendem a se ocupar mais de assuntos comumente tratados pelos jornais de circulação nacional do que com assuntos específicos locais que demandam apuração jornalística e, possivelmente, a exposição pública do meio informativo diante de fatos, que, por vezes, a imprensa local não aborda para não prejudicar seus próprios interesses. (PERUZZO, 2005, p.81).

Mesmo se na empresa comunicativa, a ordem da replicação de matérias vier da direção, como afirma Peruzzo (2005), as matérias não chamam a atenção daqueles que ali vivem, assim, alterá-las é a melhor estratégia para a sua veiculação. Se o país discute sobre a proibição da venda de alimentos de baixo valor nutricional em escolas do ensino fundamental e médio, o jornalista pode

realizar entrevistas com nutricionistas da cidade, divulgando os ganhos em termos de saúde que a adoção da nova medida pode proporcionar ouvindo pais e alunos a respeito e mesmo propondo que lei seja implementada também dentro da cidade (CASTRO; SANTOS, 2013, p.10).

### **2.2.1 O primeiro veículo regional: o impresso**

Como já apresentado, o jornalismo regional teve o seu crescimento na década de 1990, devido a nova política brasileira que, como em uma jogada de marketing, investiu nas informações regionais com o propósito de atrair novos investimentos, mas o surgimento do jornalismo regional no Brasil começou em 1808, com a chegada da corte portuguesa. A princípio, “os meios de comunicação surgiram como mídias essencialmente locais, já que, no início, abrangiam apenas um determinado alcance geográfico. Ao mesmo tempo, não dispunham de todos os aparatos tecnológicos que conquistaram no decorrer da história” (AVRELLA, 2013, p.1). Na tentativa de acompanhar os jornais europeus, que chegaram junto aos portugueses, grandes jornais com produção artesanal e não empresarial, surgiram: o Correio Braziliense, o Idade d’Ouro do Brazil, a Gazeta do Rio do Janeiro, O Patriota, O Espelho, O Bem da Ordem, o Jornal do Comércio, o Diário de Pernambuco e o Jornal de Anúncios (ZAUITH; ROCHA, 2011).

Assim como as outras mídias comunicativas, mas em uma fase anterior que as dos meios atuais, os jornais e as revistas carregavam um caráter regional extremamente pulsante, já que a proximidade do leitor com o jornalista era uma das suas principais características.

O jornalista do interior, além de participar do “quarto poder” - produzindo e emitindo informações referentes à vida local – é um cidadão comum pertencente a esta localidade, buscando, assim como os demais membros da sociedade, saber o que ocorre no dia a dia do seu bairro, município e região. O jornalista é um indivíduo facilmente reconhecido na imprensa do interior, compartilha dos mesmos hábitos e anseios da comunidade que ali reside (AVRELLA, 2014, p.91).

Influenciado pela economia da região a quem informava, o jornalismo regional teve como grande aliado o modo de produção capitalista. Desde o

surgimento do primeiro jornal, em Roma, em 59 a.C. o conteúdo publicado disseminava o conhecimento e contribuía para o intercâmbio de ideias e cultura. Os assuntos discutidos na vida cotidiana dos cidadãos, seja em conversas na praça ou discussão sobre política entre vizinhos, estampavam as páginas dos jornais, levando o questionamento para outras pessoas que ali moravam (SOUSA, 2008). Desse modo, o jornal impresso chegou ao Brasil com um caráter extremamente global, mas que, rapidamente, se adequou as histórias regionais. A extensão dos jornais as áreas regionais não tiveram como eixos principais a liberdade de expressão e o pluralismo dos meios de comunicação. Ao contrário, predominou uma imprensa a serviço dos interesses políticos e econômicos (ZAUITH; ROCHA, 2011), que, mesmo assim, em todo século XX, tornou-se o principal instrumento para as reivindicações e necessidades sociais dos leitores. Com o aparecimento e o aumento gradativo da influência de novos meios de comunicação, ao longo do século XX, primeiro pelo rádio, depois pela televisão e na última década, pela tecnologia digital, o jornal foi perdendo o lugar de ser fonte exclusiva da informação (ARNT, 2002). Entretanto, esse fato não minimizou todo o poder que a mídia impressa representou para a comunicação regional: foi por meio dele que tudo começou.

### **2.2.2 O rádio regional**

Logo após o surgimento do jornal impresso, o rádio, meio de comunicação estreitamente local chegou ao Brasil, em 1922<sup>3</sup> (AVRELLA, 2014, p.1). Segundo Herreros (2001) o rádio local atende aos interesses da comunidade, conversa sobre os gostos e necessidades de serviços de comunicação, é centrado na vida social, política e cultural, além de todos os acontecimentos ao redor da comunidade que ali influenciam. Os ouvintes das emissoras locais buscam notícias da sua realidade mais próxima, com uma linguagem de fácil entendimento e característica daquela região. Com foco nos acontecimentos da região, os fatos de relevância universal são evitados por essas rádios (AVRELLA, 2014, p.95). A programação jornalística se destaca em uma rádio local por envolver o imediatismo, a instantaneidade e a

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil>> acesso em 06 out. 2019.



linguagem oral, e caminha na frente do impresso ao aguçar o sentido da audição com as suas notícias sucintas e bem explanadas.

Como as rádios de cobertura nacional não dão a mesma atenção noticiosa nos seus programas a temas de certa especificidade local, cabe às emissoras de menor dimensão fazê-lo. As rádios locais aparecem assim como uma necessidade das populações (FLICHY, 1981 *apud* BONIXE, 2012, p.22).

Como principal característica, o rádio pode percorrer longas distâncias. Assim, ele adere às novas estratégias de marketing, expandindo a sua área de atuação com o uso de satélite para transmissão em rede (PERUZZO, 2005). Sendo identificado, principalmente, por conta de algumas de suas características, como a prestação de serviço à comunidade, a utilidade pública e o baixo custo na transmissão e recepção. Depois de a Rádio Bandeirantes começar a operar com um canal próprio via satélite<sup>4</sup>, em 1985 (AVRELLA, 2013), grande parte das principais emissoras de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre investiram nessa mesma direção, ampliando o número de emissoras afiliadas, criando formatos mais abrangentes de programação e, especialmente, apostando em um novo modelo tecnológico para isso. Um ganho para o jornalismo local, já que as “emissoras de pequenos municípios, por sua vez, passaram a fazer parte dessas redes, adquirindo conteúdos considerados de qualidade e sem custos” (AVRELLA e ALEXANDRE, 2014, p.6).

No mercado, a importância da rede foi notória para suprir a carência de mão-de-obra radiofônica, viabilizando, assim, os custos operacionais de pequenas emissoras, além de melhorar a qualidade da programação (BETTI, 2011, p.10). Mas, ao mesmo tempo em que o sistema de redes contribuiu para a modernização do rádio, ele apresentou uma falha: ao abranger as mais diversas regiões, não manteve uma identificação com as comunidades locais, ignorando sua cultura e dificultando a discussão de problemas (SANTOS, 2010). Com o passar dos anos, as pequenas emissoras foram envolvidas pelo mercado na radio fusão sonora. Isso, em muitos casos, fez com que os traços culturais, antes externados de maneira singular pelas estações locais, foram sucumbidos pelas transmissões em rede, (AVRELLA e ALEXANDRE, 2014, p.6) e a falta de autonomia das redes regionais,

---

<sup>4</sup> Emissão de um sinal comum, gerado pelo sistema convencional de rádio em estúdio para um canal digital que existe nos satélites de comunicação e, por sua vez, faz com que este sinal seja retransmitido, ao mesmo tempo, para outra região do planeta. Disponível em: <[http://www.aminharadio.com/radio/radio\\_satelite](http://www.aminharadio.com/radio/radio_satelite)>. Acesso em: 06 out. 2019.

em termos de programação, se tornou cada vez mais recorrente (CAPARELLI, 1982). Há mais de trinta anos, Ortriwano (1987), já apontava esse grande problema do rádio, que se manteve até hoje:

O rádio corre o risco de apresentar programas – inclusive os jornalísticos – desvinculados da realidade local, perdendo com isso a força da proximidade, da programação feita com base em hábitos e costumes específicos, com o linguajar da própria região. A programação homogeneizada passa a ganhar espaço, a criatividade local não tem como manifestar-se e o mercado de trabalho fica cada vez mais restrito (ORTRIWANO, 1987, p.34).

Destarte, atualmente, enquanto as grandes instituições da mídia dominam a comunicação regional e nacional, as emissoras locais ainda lutam pela sua sobrevivência. Como citado na pesquisa de Santos (2010, p.13) “a emissora de rádio local pode trabalhar a partir de onde estão inseridas, notícias que estão longe fisicamente, mas, ao mesmo tempo, perto do cotidiano do seu público ouvinte, são bons conteúdos”. Isto é, as notícias locais estão lado a lado com as nacionais e internacionais, rompendo as fronteiras físicas, culturais e sociais, dando origem ao fenômeno conhecido como globalização<sup>5</sup>. Mesmo que cada vez mais a população se interesse por informações que ocorram em todo mundo, a atenção principal continua voltada para o seu ambiente mais próximo (AVRELLA, 2014, p.98), como expressam Peruzzo; Volpato (2009, p.1): “paradoxalmente, apesar do fascínio pela informação internacionalizada e pela aparente homogeneização de valores, revitaliza-se o apreço pelo local, pela comunidade, pelo familiar”. Em uma sociedade que a comunicação está sujeita ao diálogo interposto pelas tecnologias, as notícias que antes eram obtidas na esquina de casa, agora são transmitidas pelos sites e redes sociais das emissoras de rádio, o que fez com que os emigrados de determinadas regiões pudessem ter acesso às informações do seu local, mesmo a longas distâncias (AVRELLA, 2014).

### **2.2.3 A televisão: um fenômeno local**

É notória a importância da televisão no mundo globalizado, mas pouco se fala do importante papel que as pequenas televisões locais desempenham. Em

---

<sup>5</sup>produto ou serviço concebido e distribuído globalmente mas adaptado aos hábitos e costumes locais. Disponível em <<https://journals.openedition.org/mulemba/203>>

1961, com o surgimento do videoteipe e de outras tecnologias, a televisão rompeu com as barreiras esfera municipal, fazendo com que a produção regional, que já era baixa na época, entrasse em declínio.

Assim, as televisões afiliadas, conhecidas também como estações regionais, adquiriram programas que advinham da geradora de programação, a “cabeça de rede” (BAZI, 2001). Segundo uma pesquisa de Nogueira (1999), a televisão regional, no Brasil, surgiu em 1957, em Santos, com uma experiência frustrada que durou poucos meses. A primeira emissora a se regionalizar foi a TV Globo que iniciou as suas atividades em Campinas, em 1979, no interior de São Paulo, com a proposta de resgatar as suas identidades regionais (CAVALCANTI, 2014). A tevê regional traz o telespectador para próximo da sua realidade e retransmite o sinal a uma determinada região que tenha uma programação voltada para ela mesma (BAZI, 2001). Com características peculiares, a TV regional merece destaque pela sua multiplicidade, visto que abrange diferentes temas e trata de diversos assuntos com dinâmica. A sua aproximação com o telespectador é, também, um ponto admirável. De maneira coloquial, as transmissões possuem discursos informais que agradam a maior parte da população da região. Além dessas características marcantes, outra que chama a atenção é o fato dessas emissoras locais conseguirem trabalhar em prol de um caráter social, propagando a cultural regional e os produtos da própria comunidade.

Apesar de o conteúdo regional ser, em sua maioria, jornalístico, foi por meio do mercado publicitário que a produção local conquistou a mídia nacional. Sendo assim, entende-se que regionalizar a mídia, em um mundo globalizado, não faz com que ela perca seu valor, ao contrário, permite que as televisões regionais ganhem mais espaço nos próprios locais. (CAVALCANTI, 2014). Apesar do seu grande crescimento, a mídia regional televisiva enfrenta alguns problemas que lhes prejudica. O limite de tempo imposto pelas redes, acompanhado dos horários permitidos para a inserção local e o enquadramento nos padrões nacionais das grandes televisões, direcionam o modo de expressão dos jornalistas, minimizam os sotaques regionais e direcionam as temáticas informativas. (PERUZZO, 2005).

#### 2.2.4 A internet e o giro na informação

Após o jogo político de expansão das mídias centralizadoras do poder para as mídias regionais, em meados da década de noventa, descobriu-se o local/regional como um nicho de mercado rentável e vantajoso porque, a princípio, era pouco explorado comercialmente (SILVA; CARVALHO, 2016). Como a informação não chegava às regiões, mais ninguém, além dos moradores, se fazia presente. Se antes, o desenvolvimento da expansão midiática regional já caminhava, com a internet, o avanço foi ainda mais veloz, já que ela é considerada uma das principais responsáveis pela conexão simultânea entre a informação global e a regional. Assim, percebeu-se uma mídia nova e tecnológica sensível a expansão do mercado, se abrindo para as notícias interessadas aos públicos locais e regionais, que, antes, eram propostos. O surgimento da mídia digital reorganizou os mecanismos comunicacionais, favorecendo novas articulações sociais entre a informação regional e a cultura (ARNT, 2002).

“No Brasil, o primeiro jornal impresso a ter sua publicação completa na web foi o carioca Jornal do Brasil, em 1995, mesmo ano em que a internet se torna comercial no país” (FERREIRA; LOPES; PEDRINI, 2014, p.51). Em um primeiro momento, as novas tecnologias, surgidas ao longo do século XX, serviram para modernizar o processo industrial e dinamizar as redações com equipamentos modernos e inovadores, mas, logo depois, a tecnologia foi uma das principais facilitadoras da comunicação interna nos mais variados jornais. No seu início, a mídia digital reproduzia os meios tradicionais, fazendo uma versão online do que já havia sido publicado (ARNT, 2002). Segundo Mielniczuk (2004), essa é a primeira fase do jornalismo na web, quando os sites passaram a fazer a transposição da informação.

A segunda fase foi quando a tecnologia aprofundou o conteúdo jornalístico por meio de hipertextos e links, e, por fim, o terceiro momento foi quando passou a surgir editorias destinadas exclusivamente para a internet, nas redações das grandes empresas, dando início ao autêntico, web jornalismo.

O jornalismo online se encontra em constante evolução, não existindo ainda padrões ou formatos estabelecidos que possam determinar todas as suas características com precisão. No entanto, a partir das

experimentações que vêm sendo realizadas, desde a década de 1990, é possível elencar uma série de características, em maior ou menor escala explorada pelos jornais online. Dentre elas estão a interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimídia (BARDOEL; DEUZE, 2001 apud ANDRADE, 2007, p.17).

Foram características como essas que chamaram a atenção da sociedade no geral, que passou a olhar para o jornalismo digital sem preconceitos e com curiosidades. Usar a técnica da pirâmide invertida na web foi uma forma de explicar o seu potencial mais interessante, o da circulação aberta por meio da livre navegação (CANAVILHAS, 2006). E construir uma matéria para um portal ou site é muito mais fácil do que se possa imaginar. Sem limites de texto, a sua construção é uma organização hierárquica das informações por meio de links, ou seja, são organizadas de acordo com as diversas estruturas hipertextuais existentes, agradando aqueles que desejam uma informação rápida e superficial. Se esse não for o caso, os links das matérias completas também estão presentes nos textos (FERREIRA; LOPES; PEDRINI, 2014). O responsável por fazer o site ter sucesso é o próprio usuário e, para Moura (2002), acompanhar a mudança dos usuários e evoluir o site para ele não ficar ultrapassado é a principal dificuldade.

Assim como todas as outras mídias, o web jornalismo também se articulou no jornalismo regional e local, reforçando a publicidade local e o próprio veículo comunicacional. Diferentemente das outras redes comunicacionais, os portais da internet conseguem fazer um mix entre conteúdos locais, globais e mundiais, extinguindo a necessidade da busca de conteúdo em outros portais, criando, então, um produto jornalístico completo (SILVA, 2011). Outra característica importante para o desenvolvimento do web jornalismo regional é a contribuição do mesmo para a reterritorialização do ser humano, ou seja, “ele sempre está em constante mudança de habitat e, conseqüentemente, de cultura social, o que remete a ele buscar por meio simbólicos uma reterritorialização no local onde se encontra” (FERREIRA; LOPES; PEDRINI, 2014, p.54).

### 3 COMUNICAÇÃO E JORNALISMO AMBIENTAL

Outra subárea do jornalismo que é essencial e conversa com públicos segmentados, é a área da informação e comunicação atreladas ao meio ambiente. A comunicação ambiental, que é a base de um bom jornalismo ambiental, é “todo o conjunto de ações, estratégias, produtos, planos e esforços de comunicação destinados a promover a divulgação/promoção da causa ambiental” (BUENO, 2007, p.34) e é só a partir dela que surge o jornalismo ambiental. Esse é voltado, exclusivamente, às manifestações jornalísticas, ou seja, apesar de se manter vinculado às atividades voltadas para a divulgação e promoção da causa ambiental, o seu foco é produzir conteúdo jornalístico. Assim, folhetos que abordam temas ambientais, vídeos sobre o meio ambiente, palestras sobre esse tema e campanhas publicitárias, como as da Amazônia, integram a comunicação ambiental. Assim como todas as áreas do jornalismo, o ambiental, também, é caracterizado por seus produtos veiculados.

Ele está definido tanto pelas matérias/colunas/editoriais/cadernos sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente (são exemplos a Revista do Meio Ambiente, a Eco agência e o site Jornalistas Ambientais, a revista digital da Envolverde, o jornal digital do Ambiente Brasil, os programas Repórter Eco ou Globo Ecologia e mesmo todas as mensagens que são trocadas na Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais) (BUENO, 2007, p.34).

Em contrapartida ao jornalismo, a comunicação ambiental não tem compromisso com a atualidade e, muito menos, com um formato de veiculação específico (BUENO, 2007). Ela é realizada por qualquer profissional, seja ele jornalista, comunicador, biólogo e etc.

Já o jornalismo ambiental é o porto dos profissionais de imprensa que têm se organizado para qualificar a informação e incrementar o debate ambiental (BUENO, 2007). Em linha semelhante, Moraes (2008, p.8) aponta que o “jornalismo ambiental deve buscar sua melhor estruturação teórico-prática, a começar pelo aprofundamento do debate sobre seu papel na sociedade atual”, visto que as demandas por uma alternativa de futuro do planeta estabelecem um compromisso educativo e transformador da informação (GIRARDI; et al, 2012). O jornalista deve

estar preparado para matérias desse caráter, sendo seu dever se alfabetizar ecologicamente, para, assim, conseguir noticiar o fato de maneira comprometida.

Criar uma notícia sobre esse tema exige um conhecimento específico, a começar pelo significado da expressão “Meio Ambiente” que apresenta as mais diversas definições, mas pode ser definida com propriedade, como indica Bueno (2007), em um conjunto de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. O termo não se limita ao meio físico ou biológico, inclui, também, as interações sociais, a cultura, as expressões e manifestações que garantem a sobrevivência humana em todas as áreas. Observa-se desse modo que o termo, por si só, é bastante generalizado, o que influencia a área jornalística e a transforma em um conjunto diversificado de temas.

Bueno ainda acrescenta e explica como é realizada a cobertura jornalística, evidenciando que a matéria, além de conversar com um público leigo, não especializado no assunto, tem que ser comprometida com a temática ambiental. Além disso, a maneira que o conteúdo é veiculado não segue uma única norma, podendo ser divulgado em várias mídias, jornais, revistas, rádio, televisão, sites e etc. Em grandes redes de comunicação, como telejornais, a cobertura jornalística caminha ao lado de outras: se um grande incêndio ocorre em uma mata, um gancho para informar sobre desmatamentos e queimadas ocorre. Uma mudança na programação e uma matéria que, até então, não seria divulgada, torna-se, naquele momento, uma das principais no noticiário. Assim, evidencia-se, as raras vezes que o jornalismo ambiental se encontra nas mídias conservadoras, já que tem um compromisso com o público e não pode ser utilizado como porta-voz de segmentos da sociedade (BUENO, 2007). Falar para um nicho que está interessado em ouvir/ler sobre o assunto, é mais fácil, desse modo, o jornalismo ambiental, além de criar revistas específicas com essa temática, precisa se reinventar e expandir para novos lugares, levando informações àqueles que não imaginam o que se passa.

“Apesar da atenção crescente aos fatos ambientais, raros são os veículos dispostos a construir uma equipe e explorar essa potencialidade do jornalismo ambiental” (GIRARDI; et al, 2012, p.144). Apesar de ainda não estar no topo dos veículos, houve uma grande expansão nas divulgações dessas matérias. Se antes, a cobertura era pontual, respondia aos leads e continha relatos dos especialistas, hoje ela se atualizou e não enxerga mais o meio ambiente apenas como recurso,

mas o compreende como um potencial criativo, no qual se articulam e se renovam os conhecimentos. Partindo de um tema específico e transversal, o jornalismo ambiental é transformador, mobilizador e um dos maiores responsáveis pela promoção de debates por meio de informações qualificadas e da participação dos cidadãos (GIRARDI; et al, 2012).

Constata-se, assim, que o jornalismo ambiental é uma subárea muito bem segmentada do jornalismo científico, mas o “ultrapassa ao se propor sistêmico e complexo fundamentado em uma ética e em uma cidadania ambiental” (GIRARDI; et al, 2012, p. 149). A sua importância para o desenvolvimento e educação da sociedade é incontestável e o seu poder de informação é muito maior do que se possa imaginar.

### **3.1 Funções do jornalismo ambiental**

Bueno (2007) continua, e afirma que o jornalismo ambiental exerce inúmeras funções, sendo possível ressaltar três delas: a função informativa, a função pedagógica e a função política. Na necessidade da população dispor de um conhecimento geral sobre temas variados, a função informativa do jornalismo ambiental torna-se indispensável (BUENO, 2007). Fazer o receptor entender sobre o efeito estufa, poluição, agrotóxicos, destruição da diversidade animal e vegetal, etc, e informá-los que determinadas atitudes contribuem para os problemas do ecossistema, é o seu papel. A função pedagógica ensina as principais causas dos problemas ambientais e aponta os caminhos a serem seguidos para a superação dos mesmos. Por sua vez, a função política tem a ver com a “mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental”. Incluem-se entre esses interesses a ação de determinadas empresas e setores que, recorrentemente, têm penalizado o meio ambiente para favorecer os seus negócios (indústria agroquímica, de biotecnologia, de mineração, de papel e celulose, agropecuária, etc.). Incorpora, também, uma vigilância permanente com respeito à ação dos governantes que, por omissão ou comprometimento com os interesses empresariais ou de grupos privilegiados da



sociedade, não elaboram e põem em prática políticas públicas que contribuem efetivamente para reduzir a degradação ambiental.

Ainda que o jornalismo ambiental seja caracterizado por essas funções, grandes impasses impedem que elas sejam cumpridas e a segmentação jornalística, ou o jornalismo especializado, é um deles. Atualmente, é fácil achar termos ambientais em cadernos econômicos e políticos - mesmo que a especialização e conhecimento dos jornalistas que dissertam sobre os assuntos não estejam minimamente interligados com o lado ambiental ao apresentarem erros que desvalorizam a matéria. A tentativa de despolitizar o debate ambiental pela desvinculação entre a vertente técnica e as demais vertentes também é uma síndrome que impede o cumprimento das funções (BUENO, 2007). Bueno (2007) ainda completa, revelando que além dessas duas adversidades, o jornalismo ambiental enfrenta outro problema: ele tem, cada vez mais, se reduzido a fontes detentoras de um extenso currículo acadêmico, e que, muitas vezes, são parceiras de empresas multinacionais que só estão interessadas no lucro que o seu “produto” lhe oferece, sendo conhecidas como as “indulgências verdes<sup>6</sup>”. Por fim, empresas que praticam o “marketing verde”, também, deterioram a imagem do jornalismo ambiental por estarem interessadas apenas em “limpar” a imagem que tem com o público e propor soluções que mascaram o mal que fazem ao ambiente.

O Jornalismo Ambiental tem ainda imensos desafios a superar. Não adianta apenas acreditar que eles possam ser vencidos, embora isso seja importante. É necessário que os jornalistas e a sociedade estejam dispostos e capacitados para essa tarefa. A prontidão para esta luta, que será difícil e longa, pressupõe necessariamente o engajamento e o compromisso (BUENO, 2007, p.38).

Bueno (2008) ainda completa dizendo que a competência técnica dos jornalistas ambientais não pode ser descartada, principalmente, se eles quiserem cumprir, verdadeiramente com o seu papel, sendo fundamental que eles incorporem

---

<sup>6</sup> Termo usado por Marcelo Leite, jornalista da Folha de São Paulo, em uma comparação das consciências recém-convertidas ao credo ambiental que compram e vendem indulgências por meio da neutralização de carbono à ação do frade dominicano Johann Teztel que, em 1517, foi enviado à Alemanha para vender indulgências, uma espécie de letra de câmbio papal, com a qual se resgatavam na Casa do Tesouro do Mérito os pecados cometidos. Era pagar e ir para o céu. O jornalista ainda postulava em sua coluna, com muita propriedade, o surgimento de um novo Lutero (Martinho Lutero se insurgiu contra a prática de indulgências verdes e comandou a Reforma) para sacudir a igreja verde dos nossos tempos.

uma perspectiva política e que tenham coragem para enfrentar os detentores do poder.

## **4 NA AMAZÔNIA, O JORNALISMO**

Para investigar o jornalismo na Amazônia, é necessário se esvaziar de inúmeros discursos preconceituosos sobre a região, que, inúmeras vezes, estão presentes desde o seu processo de colonização. É se questionar sobre como as comunidades ribeirinhas são analisadas, como o jornalismo passa de um entretenimento para a informação e como ele chega até as populações, principalmente, as rurais dessa região norte.

### **4.1 Cultura, Representação e Identidade**

Ao se propor à essa pesquisa no cruzamento entre comunicação e regiões, estudar o jornalismo na Amazônia, foi a escolha. Tratar, principalmente, da informação em áreas mais afastadas da região norte, era o desejo. Assim, observou-se qual o tipo de jornalismo feito em cada região amazonense e o quanto se chega de informação a determinados locais, ajudando, assim, na caracterização do jornalismo amazônico.

Para dar sequência ao estudo, primeiro, é necessário concluir que a junção do jornalismo regional com o jornalismo ambiental, influencia, diretamente, na informação do norte do país. Segundo, três conceitos são fundamentais para a pesquisa:

Cultura, uma vez que se trata de compreender as práticas culturais em circulação, em suas particularidades, mas sem perder de vista sua ligação com outros complexos culturais; representação, por se entender que é nos significados das práticas que se estabelecem os laços sociais, e que a própria prática jornalística constitui uma representação de contextos determinados; e identidade, uma vez que as identificações em determinado contexto social se dão tendo como pano de fundo a maneira como se relacionam em sociedade os sujeitos que a compõem e, para isso, precisam ter visões comuns de mundo (COLFERAI, 2009, p.28).

São esses os pontos de partida para se começar a pensar na prática do jornalismo amazonense e a sua relação com a sociedade. Segundo o mesmo autor, Colferai (2009), a cultura é a instância simbólica que permeia toda a sociedade, sendo a partir dela que os reconhecimentos se fixam, fazendo com que os sujeitos se reconheçam como tal, tendo condições de agir sobre o meio social que lhes é

dado. Uma vez que a cultura passa a ser vista como uma condição constitutiva social, é fundamental o seu relacionamento com a linguagem, que assume uma posição privilegiada na construção de significado. Essa ênfase na linguagem só se torna possível, porque ela funciona como um sistema de representação, visto que utilizamos sinais e símbolos que têm significados para outras pessoas. Ou seja, ganham importância simbólica ao deixarem de serem reconhecidos por si mesmos para representar outras coisas, revelando uma relação entre significado, linguagem e representação.

A maneira como é entendida cultura e representação, sugere que a construção de identidade não se forme a partir de um centro interior, mas no diálogo entre “os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados” (HALL, 1997, p.26). Constata-se, assim, que as identificações se dão dentro das representações por meio da cultura, revelando que os três conceitos estão intrinsecamente ligados. Hall (2003) visualiza uma crise das identidades culturais em decorrência das mudanças ocorridas no mundo contemporâneo: meios de comunicação de massa, as novas tecnologias da informação, as quedas das fronteiras tradicionalmente conhecidas e etc. Os mesmos influenciam, diretamente, na interligação de várias culturas e na perda de referências puras, caracterizando uma nova sociedade, a descentralizada e interligada.

No jornalismo, a representação é vista a todo o momento, já que ao apresentar narrativas como fatos, os meios de comunicação realizam uma leitura da realidade, o que torna impossível distinguir o que é realidade e veiculação. Uma das causas para isso “é o uso da linguagem como instrumento pelo jornalismo, ela própria uma representação, de maneira que uma posição neutra por si só se torna uma impossibilidade” (COLFERAI, 2009, p.38). Além do mais, a posição passiva perante aos fatos caminha longe do jornalista, que tem uma participação ativa na construção da realidade, criando uma visão específica acerca de tal recorte. Ou seja, o fazer jornalístico carrega a cultura do jornalista como indivíduo e de uma sociedade ao qual ele está inserido, deixando claro que a notícia envolve um processo de identificação e representação, mesmo, como afirma Colferai (2009, p.40), que isso ainda seja “trespassado por mitos como aqueles que preveem a

possibilidade de objetividade e imparcialidade, o que levaria a um relato sem envolvimento”.

E na Amazônia as narrativas são carregadas das mais diversas influências, principalmente, pela diversidade de culturas presentes em uma mesma região, que começou a partir da segunda metade do século XIX, com a imigração, principalmente, dos nordestinos que ao se depararem com a terrível seca resolveram se mudar. Após isso, na década de 1960, uma nova onda migratória por razões como a escassez e conflitos de terras no sul e sudeste, também, incrementou a cultura amazônica, visto que cada um trazia a sua história de vida, as suas influências, os seus hábitos e seus costumes. Fazendo surgir uma base cultural híbrida e compartilhada com todos que habitavam o novo lugar (COLFERAI, 2009). Assim, sem uma cultura delimitada, a busca por um sistema de representações surge através dos meios de comunicação social. Ele é visto como a única maneira de representatividade e junção de uma cultura a outra, e o que não se imaginava é que o seu crescimento e a sua importância fossem ultrapassar tantas barreiras.

#### **4.2 A informação no Norte**

No século XIX, os periódicos no Norte do país começaram a aparecer, e tinham como tema principal as grandes secas que afetaram a região norte do Brasil. Por meio da seca e das suas implicações, eles conseguiam atacar o governo, criando um jornal regional de oposição ao regime da época. As cartas, disponíveis nos jornais, ajudavam a descrever a sociedade como ela realmente era, além de produzir diversos sentidos com os mais diferentes objetivos, principalmente políticos, econômicos e sociais; além de ser transformada em um campo essencial da informação para o século (BURGARDT, 2014). Anos depois, em 1891, surgiu o primeiro informativo semanal da região do Amazonas, o jornal impresso Humaythaense. Fundado por Antônio Francisco Monteiro, jornalista e dono do seringal Mirari, ele administrava o jornal, trazendo informação à área (TRUZZI; LEAL, 2016). Com uma duração de quase vinte e um anos, o jornal, que caminhava por linhas extensas entre o humor e a religião, encerrou suas atividades logo após

o fim do primeiro ciclo da borracha. Com o fim do Humaythaense, os jornais americanos passaram a circular com certa frequência, na Amazônia, e suas instalações e equipamentos foram utilizados na criação dos periódicos brasileiros que surgiram tempos depois. Durante a maior parte do século XX, além de haver a circulação do impresso para a informação dos cidadãos, o serviço de alto-falantes nas beiras dos rios ajudou nessa expansão da notícia. Depois dessa ideia, o serviço de rádio passou a fazer parte da região e, a partir de 1955, as emissoras de rádio se estabeleceram.

#### **4.2.1 O Rádio na Amazônia**

Apesar dessa integração tornar-se viva só a partir de 1969, a região amazônica já estava conectada com as informações do restante do país desde o final dos anos vinte, quando o primeiro veículo comunicacional, o rádio, apareceu no norte do Brasil.

No Amazonas, o rádio surgiu estatal, no período da decadência da borracha, depois de uma fase marcada pela riqueza extraída do seio da floresta. Manaus era uma cidade cosmopolita, considerada a Paris dos Trópicos, devido às riquezas que brotavam dos seringais e que superaqueceram a economia mundial, movimentando aproximadamente 40% da economia do país. A capital tinha infraestrutura comparada às das grandes metrópoles europeias, como iluminação pública, bondes eletrificados e até arquitetura pré-moldada na Europa, como o prédio da Alfândega (NOGUEIRA, 1999, p.33).

Nogueira (1999) relata que o mineiro Ephigênio Salles, então presidente da Província do Amazonas, assumiu o cargo em 1926, fase em que o governo e que os investidores locais assumiram alguns serviços públicos para que Manaus se reestruturasse diante do esgotamento dos recursos em meio à concorrência da Malásia, principal ameaça na exportação do látex. Salles era apaixonado por tecnologia e enxergava nela a possibilidade de promover mudanças por meio de investimentos de alcances econômico e social. Como parte de sua estratégia para revigorar a economia do Estado, ele cria, em 1927, 'Voz de Manaós'. Começava a história da radiodifusão sonora no Amazonas, fase que Nogueira (1999) denominou de Germinação, em seus estudos sobre o rádio amazonense.

O objetivo central desta emissora era transmitir aos municípios do interior dados e informações atualizadas das cotações e valorização dos produtos naturais nas bolsas internacionais, a situação da moeda brasileira e o câmbio exterior, o horário de chegada e saída das embarcações e as realizações do governo estadual. As irradiações ocorriam às segundas, quartas e sextas-feiras, entre nove e dez da noite, sempre supervisionado pelo gerente de Manaus da Amazon Telegraph, G. E. Lush, e pelo eletricitista-chefe da empresa, W.H. Mathews” (NOGUEIRA, 1999, p.39).

Segundo o pesquisador da Universidade Federal do Amazonas, Renan Albuquerque, o rádio no Amazonas, no início, prestava um serviço comunitário de utilidade pública para as pessoas que saíam e chegavam a Manaus. Ele era o responsável por informar os horários de barcos e divulgar os produtos e serviços para as cidades do interior. Até mesmo a promoção de empresários e políticos da época era feita.

A história do rádio no Amazonas aponta que esse instrumento técnico comunicacional teve contribuição significativa para as pessoas dos mais longínquos lugares do Estado. O rádio era o xodó dos amazonenses e continua sendo o meio de comunicação mais utilizado por pessoas do interior. Sua contribuição para o desenvolvimento do Amazonas é indiscutível. Mesmo à distância dos grandes centros e tendo passado por várias revoluções científicas que se sucedeu, o rádio resistiu. (ALBUQUERQUE, 2014<sup>7</sup>).

Mesmo em localidades sem energia elétrica, o rádio se fez presente. Anos depois, em 1960, o aparecimento do “radinho de pilha” seduziu as regiões ribeirinhas e interioranas do estado. As notícias, músicas e mensagens ecoadas pelo rádio ajudavam os habitantes a melhor avaliar sua relação com o espaço regional. Ou seja, o rádio facilitou, para essas populações, suas redes de troca, de comunicação e de trilhas de movimentação entre o espaço dos povoados, vilas, cidades pequenas, médias e grandes da Amazônia. Apesar dos avanços tecnológicos e das novas plataformas de transmissão, o rádio amazonense, apesar de viver um período de redefinições, como os rádios do restante do país e do mundo não perderam o seu status e ainda é o meio de comunicação com maior penetração no estado. Para Irecê Barbosa (2015), além da geografia favorável, outro fator que mantém o rádio vivo e fundamental para grande parte da população é a sua grande capacidade de adaptação às mudanças.

A geografia da região favorece ao rádio. Quando a TV chegou ao Brasil, em 1950, houve quem apostasse na morte do rádio. Ele resistiu e se transformou. Depois ouvi a mesma coisa com a chegada da internet, o

---

<sup>7</sup> disponível em <<https://amazoniareal.com.br/historia-do-radio-no-amazonas/>>

rádio não só resistiu, mas também se ressignificou a tal ponto que passou a fazer parte da web, usando seus “prefixos” eletrônicos. O rádio está também no celular. (IERECÊ BARBOSA, 2015<sup>8</sup>).

Edilene Mafra Mendes de Oliveira (2015) confirma esta visão. Mesmo com a concorrência de inúmeras mídias e plataformas, quase 90 anos após a sua instalação no Amazonas, o rádio continua com as características que o consagraram, tendo como marca forte a interatividade e permanece como um veículo do tempo real. Com a chegada da televisão, o rádio se tornou multifacetado: tornou-se móvel, com uma qualidade técnica muito melhor e organizado em redes.

#### **4.2.2 A Televisão na Região Amazônica**

Acompanhando o plano de expansão de comunicação do governo Médici, em 1969, a televisão foi o principal instrumento usado na região para a integração da Amazônia. Apesar de ela chegar, no Brasil, por obra de Assis Chateaubriand no ano de 1950, em São Paulo, ao inaugurar a TV Tupi, na Amazônia, a televisão chegou, oficialmente, só no final da década de sessenta, quando o governo passou a ter interesses na região. Nesse mesmo período, no resto do país, a televisão começava a se estabelecer. A programação centralizada no Rio e em São Paulo estava surgindo, enquanto as estações repetidoras eram instaladas. Os investimentos feitos na década de 1970 pela Telebrás desenvolveu regionalmente a região Amazônica, e a telecomunicação invadiu Carajás, Araguaia-Tocantins, Rondônia, Acre, Roraima, Amapá e Marajó. Inicialmente, e isso permaneceu por anos, a política de telecomunicação oferecia ao país uma programação televisiva única, o que facilitou a expansão das redes de televisão. Destarte, chega-se à conclusão que a melhor maneira de integrar o país seria por meio da comunicação televisiva, visto a sua facilidade de conversar com todos os brasileiros.

Quanto ao aparecimento da televisão na Amazônia, antes mesmo de 1970, ao se dar a investida do governo federal sobre a Amazônia brasileira, já havia a articulação da mesma. Enquanto as emissoras se organizavam no Sudeste do país, a primeira emissora de televisão da Amazônia, a TV Manauara, já havia sido criada. Surgida em 1965, como hobby da Família Hauache, ela foi uma das primeiras TVs a cabo do Brasil. Foram instalados cabos nos postes de eletricidade nas principais ruas e avenidas do centro da cidade, mas a experiência não teve continuidade devido a vários problemas técnicos. Mesmo com tais problemas, foi ela a primeira imagem

---

<sup>8</sup> Disponível em <<http://portalamazonia.com/cultura/amazonas-ontem-e-hoje-nas-ondas-do-radio>>



de televisão em Manaus via cabo físico, instalado e acompanhando a rede de eletricidade. Tudo isso em 1965 (HAUACHE, 1999, apud, CABRAL, 2003, p.11).

No livro *A Casa Grande e Senzala com Antena Parabólica*, do professor e jornalista Jacques Wainberg, observa-se uma explicação do processo comunicacional na região amazônica. Ele evidencia que os meios de comunicação, ou melhor, as redes comunicacionais, são pré-requisitos para à fixação do ser humano no espaço. É por meio delas que acontece a superação do isolamento e da solidão, e, ainda, o desenvolvimento da vida comunal. Wainberg ainda destaca a importância dos estudos acerca da televisão e da sua influência à cultura Amazônica, que desde o século XI é colonizada por pessoas de regiões e países diferentes e que recebe, desde a década de 1970, uma quantidade de informações através da televisão que interferem nos seus costumes e modos de vida. Programas de televisão que apresentam, além da linguagem verbal, também a linguagem não verbal: as imagens que acompanham os diálogos e as narrações. Assim, como em qualquer outra comunidade, ao chegar à Amazônia, a televisão contribui na construção de sentidos e na transformação de toda sua cultura. (BERNO, 2005).

#### **4.2.2.1 A Rede Amazônica de Rádio e Televisão**

Há mais de quarenta e cinco anos, a Rede Amazônica de Rádio e Televisão domina a mídia do Amazonas, Rondônia, Acre, Roraima e Amapá. Tudo começou com a união dos jornalistas amazonenses Phelippe Daou e Milton Magalhães Cordeiro com o empresário carioca de propaganda, Joaquim Margarido, que residia em São Paulo. Iniciaram a sociedade no dia 30 de setembro de 1968 com a criação da agência de propaganda Amazonas Publicidade Ltda. Em 1968, o Ministério das Comunicações abriu concorrência para a exploração comercial de mais uma emissora televisiva, uma vez que no Amazonas só existia uma. Como o objetivo dos sócios era a mídia regional, entraram na disputa. Porém, é importante enfatizar que o primeiro passo dado pelo grupo foi a agência de publicidade, mas o marco do Grupo, como verificou o diretor administrativo da Rede, Aluísio Daou (1999) é a TV Amazonas, pois a Rede começou a ter grande estabilidade, status, através da TV Amazonas e hoje é a líder de todo o conglomerado (EULA, 2013).

Foi no dia primeiro de setembro, de 1972, que a Rede Amazônica de Rádio e Televisão entrou, oficialmente, no ar, em Manaus. Em 1983, filiou as suas quatro novas geradoras, Porto Velho, Rio Branco, Boa Vista e Macapá à Rede Globo, enquanto a Rede se integrou ao Sistema Globo três anos depois, em 1986. Hoje, em 2019, o canal atinge cerca de 4,9 milhões de km<sup>2</sup>, o que equivale a 60% do território nacional e alcança 12% da população do país, cerca de 16,5 milhões de habitantes (CASTRO, 2012). A televisão veio logo depois, em 1974, com a afiliada da Rede Globo, Rede Amazônica de Televisão. Além da chegada de um novo veículo, os anos setenta foram essenciais para o desenvolvimento dos meios de comunicação na Amazônia. Nessa década, pequenas publicações se espalharam pelo interior do Estado, junto às emissoras de rádio que também se multiplicaram, enquanto a Rede Amazônica de Televisão investiu em repetidores de sinais em várias cidades (COLFERAI, 2009).

#### 4.3 Os meios de hoje

Atualmente, os meios de comunicação do estado apresentam altos números de veículos comunicadores, comprovando um avanço do jornalismo na Amazônia. Segundo os dados de 2012, da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), é possível analisar o sistema de comunicacional da região.

Tabela 1 – Sistemas de Comunicação da Região do Baixo Rio Branco

Rádios comunitárias	28
Rádios em ondas médias (AM)	24
Rádios em frequência modulada (FM)	22
Rádios em ondas tropicais <sup>9</sup>	9
Rádios em ondas curtas <sup>10</sup>	2
Geradoras de televisão	7

<sup>9</sup> Ondas Tropicais é um sistema de radiodifusão similar ao OM, mas que opera em frequência de 3.200 KHz a 5.060 KHz

<sup>10</sup> OC, ou Ondas Curtas, é também similar ao OM, mas opera em frequência de 5.950 KHz até 26.100 KHz.

Retransmissores de televisão	213
Serviços de transmissão de TV por cabo	1
Serviços de transmissão de TV paga por sinal	1
Serviços de transmissão de TV por tecnologia DTH <sup>11</sup>	1
Serviços de transmissão de TV por tecnologia MMDS <sup>12</sup>	1

Fonte: Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), 2012.

Ao observar a tabela, percebe-se um alto número de retransmissores televisivos, na maioria dos veículos existentes. Ainda segundo Castro (2012) essas empresas de comunicação que atuam na Amazônia são extensões – controladas por grupos locais e regionais – de grandes conglomerados nacionais, compostos por corporações como Globo, Record, SBT, Band, Rede TV!, Play TV, MTV, Rede União, CNT, RBT, Rede Aparecida, Rede Vida, Rede Canção Nova, Rede Gazeta, Rede Boas Novas e Rede Século 21. No Amazonas, há apenas dois grupos de expressão regional. A Rede Amazônica que possui cinco geradoras de TV, quatro FMs, uma rádio em ondas tropicais e três empresas de TV paga. Afiliada da Rede Globo, ela produz um total de três horas e meia de programação diária e regional, e atinge cerca de 4,9 milhões de km<sup>2</sup>, o equivalente a 60% do território nacional e alcança 12% da população do país, cerca de 16,5 milhões de habitantes (CASTRO, 2012, p.11).

Castro (2012) ainda comenta sobre o outro grupo amazonense de expressão: a Rede Calderaro de Comunicação conhecida, também, como A Crítica. O grupo foi criado em 1949 - mesmo ano do seu primeiro jornal -, mas só passou à condição de veículo de comunicação dominante, em 1964, após o golpe. A equipe é responsável pela edição de dois jornais, A Crítica e Manaus Hoje; possui quatro canais de TV, TV A Crítica, TV A Crítica Parintins, Inova TV, A Crítica +; sete retransmissores no interior do estado e cinco emissoras de rádio, FM O Dia Manaus, FM O Dia Maués, FM O Dia Presidente Figueiredo, FM O Dia São Gabriel da

<sup>11</sup> O DTH, ou Serviço de Distribuição de Sinais de Televisão e de Áudio por Assinatura via Satélite, distribui sinais de televisão, áudio, ou ambos, por meio de satélites, a assinantes localizados na área de prestação.

<sup>12</sup> O MMDS, ou Serviço de Distribuição de Sinais Multiponto Multicanais, utiliza faixas de micro-ondas para transmitir sinais a serem recebidos em pontos determinados dentro de uma área de prestação.

Cachoeira, Jovem Pan FM Manaus. Em 2007, a emissora passou, também, a transmitir a rede Record.

#### **4.4 A mídia com dados**

O estado do Amazonas tem 4,081 milhões de pessoas (dado estimado para 2019, o último, 2010, relatou 3.483.985), e segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2015, 92,3% dessas tem televisor em casa e 44,1% tem rádio. Mas, para termos essa visão parcial do acesso à informação da região norte, separar a Amazônia em urbana e rural é fundamental. A imagem da Amazônia que circula pelos meios de comunicação e é tomada pela maior parte da população mundial, é a da imensa floresta tropical e dos caudalosos rios que cortam um tapete verde que se perde no horizonte. Mas, para além desta imagem, há 15,8 milhões de pessoas vivendo nos sete estados da região Norte do Brasil. E não se trata apenas de índios, ribeirinhos e apanhadores de castanhas, mas, também, da região urbana amazônica.

No total, 73,5% vivem em zonas urbanas, com algumas cidades superando um milhão de habitantes. Este primeiro dado é em si uma inversão da percepção corrente do que é a Amazônia. A maior parte da população urbana da Amazônia vive em cidades médias, mas o perfil de uma cidade média na Amazônia não é aquele tomado a partir do número de habitantes, mas a capacidade que a cidade tem em ser um centro de serviço regional. Nas sete capitais estaduais, estão 30,7% da população da região e todas estas cidades apresentam índices superiores a 90% dos moradores residindo nas zonas urbanas. O restante da população, ou cerca de 6.6 milhões de pessoas, vive na maior parte em cidades de até 100 mil habitantes. A considerar uma malha urbana rarefeita distribuída por mais da metade do território brasileiro, compreende-se a necessidade de tomar aglomerados urbanos com menos de 50 mil habitantes como centros regionais e serem conceituados como cidades médias (STEINBRENNER, 2007).

Ao analisar os índices das tecnologias de informação, constata-se que uma zona urbana tem um nível tecnológico considerável, enquanto a rural é praticamente privada desse acesso.

Os números apresentados no Censo 2010 (IBGE, 2010) e pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (Pesquisa, 2011) corroboram a ideia acerca das profundas diferenças existentes entre as Amazônias urbana e rural. A média de domicílios com acesso à internet na região Norte é de 15,4%, o que a deixa distante da média nacional, que alcança 30,7%. Tomar este dado de maneira isolada é olhar para o tema de maneira parcial. O crescimento apresentado na região Norte para o acesso à internet, entre 2005 e 2009, mostra um aumento do número de domicílios com acesso à internet superior a 25%. Este é o maior índice entre as grandes regiões brasileiras. Entre 2009 e 2010, o índice de crescimento do número de domicílios com acesso à internet no Norte do Brasil se manteve, batendo 16,5%, novamente o maior entre as grandes regiões. No mesmo período, o crescimento médio no país foi de 12,1% (IBGE, 2010), (COLFERAI, 2013, p.39).

Como continua Colferai (2013) analisar esses dados, quando outros números são colocados na frente, os torna ainda mais significativo. Sabe-se que a alfabetização é uma das principais competências para o uso da internet, e o Norte apresenta o segundo pior desempenho no país, com 23,1% de analfabetos em sua população, além de possuir a pior taxa de escolarização, com 39,1% dos jovens entre 15 e 17 anos frequentando escolas. Além desses fatores, a qualidade da conexão é a menor do país, com apenas 8% dos computadores tendo acesso à internet através de banda larga. Estes dados no conjunto apresentam um cenário que, à primeira vista, é desfavorável para a expansão do acesso, mas o que se verifica na prática é o contrário. Os índices de acesso em uma, são o oposto na outra. Enquanto 17% da população das cidades tem acesso à internet, nas zonas rurais não mais do que 5,7% dos moradores têm o serviço<sup>13</sup>. Não é uma situação tão diferente do restante do país, mas na Amazônia, ela é potencializada pelas características físicas, como as grandes distâncias e a distribuição das comunidades rurais.

As diferenças de acesso à internet são ainda mais relevantes quando tomadas as capitais estaduais, em especial os dois principais centros regionais na Amazônia, as cidades de Belém, no Pará, e Manaus, no Amazonas. Enquanto as médias de acesso nestes estados são de 12,4% e 16,6%, na cidade de Manaus em 2011, somente o acesso à banda larga atingia 33%, e, na região metropolitana de Belém, o acesso à internet alcançava 21,8%. Estes números ganham relevância se considerarmos que a população de Manaus representa 51% dos habitantes do Amazonas, e a de Belém 27% dos moradores do Pará (IBGE, 2010), o que demonstra que a concentração de população no interior dos estados é consideravelmente menor que nas capitais, o que faz aumentar a sua distribuição e, por isso, ser rarefeita (COLFERAI, 2013, p.39).

---

<sup>13</sup> Dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios

Um fator limitador para o acesso à informação nas áreas do interior da Amazônia é a falta de malha urbana que deixa as populações isoladas uma das outras e com grandes vazios, influenciando no isolamento da população rural, enquanto 90% dos moradores da zona urbana têm fácil acesso.

## 5 A ÁREA RURAL AMAZÔNICA

Os espaços rurais brasileiros são muito variados e, talvez, os menos conhecidos estejam na Amazônia. Ribeirinhos, extrativistas dos seringais, quilombolas, produtores e pescadores vivem de forma isolada e sobrevivem do que a natureza lhes oferece: plantam para o próprio consumo e vendem os excessos. Sem nenhuma ligação terrestre, o transporte acontece somente por barco, sendo ele que leva as crianças para as escolas e também transporta mercadorias (LOSCHI, 2013, p.8). Segundo dados do IBGE, no censo de 2010, 728.495 pessoas residem na área rural, ou seja, 26,5% da população amazônica vivem nessas áreas afastadas.

### 5.1 Comunidades Ribeirinhas

Cada cidadão que cria a sua vida nas áreas rurais amazônicas é constituído por uma identidade sociocultural e política própria, cujo modo de sobreviver e de conviver em grupo está relacionado:

a) adaptação de saberes e técnicas de acordo com suas necessidades; b) ao padrão complexo de organização da produção e de gestão dos recursos naturais; c) a luta pela garantia de sobrevivência e acesso a bens e serviços sociais; d) as atividades exercidas, como: agricultura, caça, pesca coleta e extração, desempenhadas de acordo com suas necessidades e recursos naturais disponíveis. Nesse sentido, considera-se que *modus vivendi* e a organização política das comunidades tradicionais ribeirinhas são marcadas e orientadas por uma identidade pautada nos valores socioculturais e na dinâmica sócio- -histórica da região amazônica. Na base dos conhecimentos das comunidades tradicionais, predominam os saberes herdados das populações indígenas que habitam a região, desde momentos que antecedem ao processo de colonização. A influência desses outros povos, principalmente a portuguesa, fez surgir a cultura dos caboclos (LIRA; CHAVES, 2015, p.72).

Segundo Emilio Frederico Morán, a cultura cabocla<sup>14</sup> teve seu início com a chegada dos portugueses (1500 a 1850) e evidencia que o caboclo pode ser tanto o ribeirinho, como o seringueiro, o pescador e até o canoeiro, desde que ele

---

<sup>14</sup> Expressão que vem do tupi (*kari bora*), na sociedade moderna, designa, de forma pejorativa, as populações que habitam na área rural da Amazônia, tais como: índio bravo, mestiço de índio, matuto, indolente, pessoa desconfiada ou traiçoeira. Nesse trabalho ele faz referência às populações ribeirinhas.

sobreviva de alguma dessas atividades. Os ribeirinhos, por sua vez, são uma referência da população tradicional da Amazônia. O seu modo de comunicação, de representar lugares, tempo e se relacionar com a natureza é específico.

[...] vivem em agrupamentos comunitários com várias famílias, localizados, como o próprio termo sugere, ao longo dos rios e seus tributários. A localização espacial nas áreas de várzea, nos barrancos, os saberes sócio históricos que determinam o modo de produção singular, o modo de vida no interior das comunidades ribeirinhas, concorrem para a determinação da identidade sociocultural desses atores (CHAVES, 2001, p.78).

Assim, ao observá-los nota-se que a comunidade é o lugar que eles estabelecem as suas relações sociais. O rio tem grande significado na vida de cada um. Influência no plantio, na construção das suas casas, oferece-lhes proteção e fertiliza as suas margens. Além disso, as comunidades ribeirinhas apresentam um modo de vida muito próprio em vários aspectos, como no uso do território, no manejo coletivo dos recursos locais, nas relações sociais de trabalho e nas relações familiares (CHAVES, 2001). Detentoras de um amplo saber sobre o ambiente amazônico, elas se apropriam dos recursos florestais e enxergam na natureza uma grande reciprocidade.

Júlia Morim, consultora da Fundação Nacional do Índio, FUNAI, e da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, UNESCO, segue a mesma linha de raciocínio para caracterizar essa população, portanto define o significado de ribeirinho como simples: “aquele que mora nas proximidades dos rios e sobrevive da pesca artesanal, da caça, do roçado e do extrativismo”. Contudo, para ela, entender a origem dessas comunidades é um ato complexo. O surgimento dos ribeirinhos se dá a partir da fuga que índios e negros realizaram das colônias de dominação portuguesa inseridas na Amazônia. A mesclagem desses grupos, índios, negros e brancos, desenvolveram esses sujeitos. Nas práticas desses personagens característicos da Amazônia estão presentes as culturas mais diversas que vêm dos mais diferentes povos indígenas, do migrante português, de migrantes nordestinos e de populações negras. Habitando as várzeas, desenvolveram todo um saber na convivência com os rios e com a floresta (GONÇALVES, 2010).

O ribeirinho é conhecido, também, como o “homem da Amazônia que percorre, pacientemente, as inúmeras curvas dos rios, ultrapassando a solidão de suas várzeas pouco povoadas e plenas de incontáveis tonalidades de verdes”



(Loureiro, 1995, p. 59). Esses sujeitos vivem do que a floresta amazônica lhes proporciona ao longo da história. Entre rios, terra firme, árvores, “casquinhos” e açazeiros, cresceram e se estabeleceram, vivendo da pesca e dos produtos que a terra lhes concedeu (DIEGUES, 2000 apud SOUSA, 2011).

No entanto, a realidade social é desafiadora para eles. Nessas comunidades, distantes dos centros urbanos, a situação, muitas vezes, é de isolamento (GONÇALVES, 2010) e de uma “violação profunda dos direitos humanos elementares, desenhando, assim, uma territorialidade na negação e na exclusão dos direitos e da existência humana e social” (OLIVEIRA, 2009, p.93). As únicas estradas são os rios, e os meios de transporte mais comuns são a canoas e as voadeiras, uma espécie de canoa motorizada. A economia nessa região gira em torno do que o meio lhes oferece, assim, a castanha do Brasil, a mandioca, cana de açúcar e o açaí, a pesca, a economia fluvial, o extrativismo vegetal e a roça de subsistência são formas deles sobreviverem nas comunidades e conseguirem a sua renda familiar mensal, que equivale, em média, a 30% do salário mínimo<sup>15</sup>, em índices per capita.

Com vidas criadas e desenvolvidas a beira dos rios, os ribeirinhos constroem suas casas de palafitas, feitas com madeira da floresta, e substituem a cama por redes. Segundo o Fundo das Nações Unidas para as Crianças, UNICEF, o número reduzido de cômodos dessas habitações precárias, em contraposição ao elevado número de membros das famílias – 50% dos ribeirinhos divide o seu domicílio com mais de seis pessoas<sup>16</sup> -, prejudica o desenvolvimento saudável das crianças. A formação da família se dá com um “chefe” de pouca idade, em torno de dezesseis e dezessete anos. As mulheres são ainda mais novas e engravidam muito cedo. Grande parte se torna mãe antes dos quinze e não espera longos períodos para engravidar de novo.

A escolaridade na região não favorece o aprendizado, já que grande parte das comunidades só possui escola até o oitavo ano do ensino médio. De dez

---

<sup>15</sup> Dados da pesquisa de Gama, Abel Santiago Muri; Fernandes, Tiótrefis Gomes; Parente, Rosana Cristina Pereira e Secoli, Silvia Regina. Inquérito de saúde em comunidades ribeirinhas do Amazonas, Brasil, 2018.

<sup>16</sup> Dados da pesquisa de Gama, Abel Santiago Muri; Fernandes, Tiótrefis Gomes; Parente, Rosana Cristina Pereira e Secoli, Silvia Regina. Inquérito de saúde em comunidades ribeirinhas do Amazonas, Brasil, 2018.

adolescentes apenas três insistem na educação<sup>17</sup> e saem dos seus lugares de origem para aprender, buscando alternativas nas cidades da região, mesmo demorando cerca de quatro horas para acessar a zona urbana mais próxima. 10% da população cabocla é analfabeta, taxa que pode ser considerada alta se comparado com os últimos anos de investimento em educação na região.

Tabela 2 – Escolaridade na região do Baixo Rio Branco

<b>Escolaridade (anos)</b>	<b>%</b>
Analfabeto	9,7
1-4	29,7
5-9	29,1
≥ 10	31,5

Fonte: Fonte: GAMA, et al (2018)

Além da falta de estudo, os moradores dessas regiões não possuem documentos básicos de registro civil, tais como Certidão de Nascimento, CPF, RG e Título de Eleitor, dificultando o acesso e a inclusão dos mesmos nas políticas públicas de saúde, sócios assistenciais e educacionais, por meio de programas governamentais (VIANA; FREITAS; GIATTI, 2016).

Diante do abandono e da falta de valorização para com o ser humano, é nítido o fortalecimento cultural, bem como a prática religiosa. Conforme aponta Fraxe (2009), as comunidades tradicionais apresentam uma rica variedade de mitos, concepções, crenças e práticas, considerando a influência religiosa indígena, africana e portuguesa. Os santos populares católicos assumem uma importância significativa para a determinação da vida cotidiana nessas comunidades, uma vez que esses santos são aqueles de quem se obtêm os “milagres” e “graças”, por meio de promessas. Por outro lado, a referida autora acrescenta que, no contexto amazônico, há uma efetiva ascensão da religião evangélica presente em muitas comunidades, o que tem enfraquecido as igrejas católicas na região e causado

---

<sup>17</sup> Dados da pesquisa de Gama, Abel Santiago Muri; Fernandes, Tiótrefis Gomes; Parente, Rosana Cristina Pereira e Secoli, Silvia Regina. Inquérito de saúde em comunidades ribeirinhas do Amazonas, Brasil, 2018.

vários conflitos e divisões no âmbito comunitário. Constata-se, assim que a cultura e a religião, nessa perspectiva, são fundamentais à existência humana.

Nessas comunidades, as celebrações dominicais e as festas religiosas são muito valorizadas. As datas religiosas são seguidas à risca, com direito à manifestação de todos os estereótipos religiosos muito comuns às cerimônias citadinas, tais como símbolos, códigos de conduta e questões existenciais do ser, todas submersas no fenômeno religioso (OLIVEIRA, 2008, apud, JÚNIOR, et al, 2016, p.30).

Oliveira ainda acrescenta que marcada pela catequização forçada dos colonizadores, ainda nos tempos do Brasil Colônia, a tradição cristã católica foi, historicamente, se fortalecendo, sobressaindo-se, até pouco tempo atrás, entres os ribeirinhos. No entanto, é cada vez mais crescente a presença de igrejas evangélicas/ protestantes nas beiras dos rios ou, ainda, inseridas dentro das próprias comunidades ribeirinhas, exercendo, com suas práticas, forte influência sobre essas populações. De fato, a religiosidade exerce forte influência na forma como essas populações vivenciam o cotidiano, portanto, é no debate da diversidade cultural, e na perspectiva de uma educação humanista, que a religiosidade tem de ser considerada (OLIVEIRA, 2008).

Tabela 3 - As regiões entre os Ribeirinhos

Religião	%
Católico	65,4
Evangélico	31,1
Outras	3,5

Fonte: GAMA, et al (2018)

Outro ponto que chama a atenção nas comunidades é o índice de expectativa de vida, que, em 2018, foi o quarto pior do país, com setenta e um anos<sup>18</sup>, estando cinco anos abaixo da média brasileira. Caminhando junto à baixa expectativa de vida, a mortalidade infantil também apresenta números assombrosos. A região amazônica está entre as maiores taxas do Brasil, em sétimo lugar, ou seja, a cada

<sup>18</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

mil crianças de zero a quatro anos, doze não sobrevivem e acabam falecendo<sup>19</sup>. Com esses altos índices constata-se que, além da baixa escolaridade que influencia na expectativa de vida, a saúde dos ribeirinhos é precária, impossibilitando a diminuição dessas altas taxas. Um fator comum a todas as comunidades é a falta de água potável e uso da mesma do rio. Os altos índices de verminose e de doenças relacionadas à falta de higiene comprovam que são poucas as famílias que fervem a água para cozinhar e beber.

Tabela 4 - Procedência da água para consumo

<b>Procedência da água para consumo</b>	<b>%</b>
Rio	64,7
Poço	25,8
Chuva	9,5

Fonte: GAMA, et al (2018)

A desnutrição infantil está associada à época das cheias dos rios, que, muitas vezes, envenenados, torna o peixe escasso. Mas reflete, também, uma péssima alimentação, ocasionada pela escassez do peixe, da entressafra do açaí e pela falta de diversidade alimentar. Anemias, parasitoses, doenças de pele e problemas orais estão presentes em praticamente todas as crianças. A maioria das gestantes não realiza pré-natal e a maior parte dos partos são realizados em casa, elevando os índices de mortalidade materno-infantil (Meirelles Filho, 2004). A incidência de outras endemias como hanseníase e leishmaniose, é alta, além de zoonoses e outras doenças infecciosas (VIANA; FREITAS; GIATTI, 2016). Outro agravante na área da saúde é a ausência de atendimento médico e odontológico, e as limitações de acesso à zona urbana, atreladas à realidade econômica desfavorável impedem que eles se movam até as zonas urbanas para tratamento.

A disponibilidade de energia elétrica contínua (fornecedora de energia local) é um recurso que não é disponível à todas as comunidades. Setenta e cinco por

---

<sup>19</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

cento<sup>20</sup> das comunidades não têm energia fornecida pela distribuidora local, ou seja, dependem de um gerador movido à gasolina ou diesel. Os meios de comunicação, que, em sua maior parte, dependem de energia para funcionar, são afetados por esse grande número de geradores presentes nas comunidades, além de sofrerem influência, também, da grande globalização de informações, que é essencial para a presença desses instrumentos na vida dos ribeirinhos.

Tabela 5 - Meios de Comunicação

<b>Meios de comunicação</b>	<b>%</b>
Rádio	59,8
Televisão	73,8
Celular	48,6

Fonte: GAMA, et al (2018)

Por meio dessas informações, é possível concluir que as comunidades rurais do Amazonas não estão, atualmente, tão isoladas do mundo urbano, quando o assunto é informação, já que grande parte dos caboclos faz o uso dos meios de comunicação. Observa-se, agora, qual é o tipo de informação que chega até eles: um jornalismo de qualidade, um entretenimento exacerbado, um jornal ambiental ou, um jornalismo regional.

---

<sup>20</sup> Dados da pesquisa de Gama, Abel Santiago Muri; Fernandes, Tiótrefis Gomes; Parente, Rosana Cristina Pereira e Secoli, Silvia Regina. Inquérito de saúde em comunidades ribeirinhas do Amazonas, Brasil, 2018.

## **6 A COMUNICAÇÃO NA REGIÃO DO BAIXO RIO BRANCO**

Sabe-se que a Amazônia foi interligada ao restante do país por meio das telecomunicações, como já foi dito no início da pesquisa, mas não há um estudo sobre a comunicação e o jornalismo nas comunidades ribeirinhas, então pouco se sabe sobre o que acontece lá. Juntamente a essa dúvida, explana-se que a falta de informação está intimamente ligada aos hábitos comunitários, como a falta de higiene e de educação.

Sem a informação, observa-se que conhecimento não enraíza, afastando-as das referências e explicações acerca de temas comuns à sociedade e as fragilizando perante alguns problemas sociais que já estão extintos no restante do país, como as doenças relacionadas a higiene. O que se sabe, é que em 2018, com a chegada da internet, em algumas comunidades, uma mudança de hábitos sociais foi observada: os ribeirinhos foram inseridos em um universo aonde todas as informações chegam com apenas um clique, expandindo o uso dos celulares à população, e os colocando em mundo globalizado. Em 2019, em média, de dez adolescentes das comunidades, oito fazem uso do aparelho eletrônico, enquanto no ano anterior, esse número era cinquenta por cento menor.

Assim, uma vivência foi realizada na região do Baixo Rio Branco, durante dez dias. Junto ao projeto Doutores das Águas, foram observadas características exclusivas da região, que com os últimos anos sofreram interferência dos meios de comunicação, resultando em grandes mudanças na vida dessas populações, principalmente no âmbito da saúde.

Por meio da observação que os ribeirinhos têm com os meios de comunicação, principalmente a televisão e o celular, em paralelo a dados colhidos pelo projeto Doutores das Águas, o estudo da presença da informação em comparação ao desenvolvimento da região, foi realizado.

As comunidades estudadas foram sete: Remanso, Cachoeirinha, Canauini, Terra Preta, Sacaí, Itaquera e Xixiaú, e apesar das diferenças entre elas, as semelhanças são muito maiores.

### **6.1 Doutores das Águas**

As ações das Organizações Não Governamentais estão em transformação no Brasil. Elas surgiram nos anos 1960/1970, defendendo e lutando através de um movimento social vinculado aos direitos civis e ao combate da pobreza, sendo extremamente críticas ao Estado e ao setor privado (GOHN, 1997). Assim, mostra que o surgimento das ONGs está estritamente relacionado à autonomia e à luta em prol de um objetivo maior, de engajamento e comprometimento com o excluído, através do desenvolvimento de projetos sociais significativos à sociedade. Nessa perspectiva, as ONGs contempladas no “Terceiro Setor propõem [uma] fórmula de ação privada para o bem público (...) testemunhando o surgimento de uma esfera pública que não é, necessariamente, governamental e de iniciativa privada, em benefício do interesse comum” (CARDOSO, 1997, p.2). Já as OSCIP, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, diferem da caracterização das ONGs. Assim, ela é uma qualificação jurídica atribuída a diferentes tipos de entidades privadas, atuando em áreas típicas do setor público com interesse social, que podem ser financiadas pelo Estado ou pela iniciativa privada sem fins lucrativos. Ou seja, as entidades típicas do terceiro setor. A OSCIP está prevista no ordenamento jurídico brasileiro como forma de facilitar parcerias e convênios com todos os níveis de governo e órgãos públicos (federal, estadual e municipal) e permite que doações realizadas por empresas possam ser descontadas no imposto de renda<sup>21</sup>. Por ser uma qualificação, e não uma forma de organização em si mesma, vários tipos de instituições podem solicitar a qualificação como OSCIP. De maneira geral, as organizações não governamentais (ONGs) são as entidades que mais se encaixam no perfil para solicitar a qualificação de OSCIP.

Os Doutores das Águas, que se caracteriza como OSCIP, nasceu em 2011 com o intuito de levar atendimento médico, odontológico e práticas de higiene às populações ribeirinhas da Bacia Amazônica. Cerca de 2.000 ribeirinhos são atendidos anualmente com o objetivo de promover melhora nos indicadores de saúde e qualidade de vida destas comunidades. Uma vez por ano uma equipe de 50 voluntários oferece atendimento a estas famílias. O projeto conta, desde 2015, com um barco ambulatório, equipado com quatro consultórios odontológicos completos, com cadeiras e raio-x, esterilizador, quatro consultórios médicos, sala

---

<sup>21</sup> Disponível em <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/oscip-organizacao-da-sociedade-civil-de-interesse-publico,554a15bfd0b17410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>

de pequenas cirurgias, farmácia, refeitório, cozinha, e acomodações para quarenta voluntários, projetado especialmente para atender às necessidades das atividades a fim de dinamizar os atendimentos e expandir o número de beneficiados.

### 6.1.1 A expedição

As expedições são divididas em duas etapas, para atender o maior número, possível, de comunidades. A primeira fase, deste ano, a qual fez parte da pesquisa, passou doze dias em navegação e atendeu oito comunidades, todas elas pertencentes a região do Baixo Rio Branco, como é possível visualizar na tabela.

Tabela 6 - Cronograma da Expedição

<b>Data</b>	<b>Dia semana</b>	<b>Vila</b>
01/abr.	2ª feira	Chegada em Manaus (navegação)
02/abr.	3ª feira	Navegação
03/abr.	4ª feira	Remanso
04/abr.	5ª feira	Cachoeirinha
05/abr.	6ª feira	Cachoeirinha
06/abr.	Sábado	Canauini
07/abr.	Domingo	Terra Preta
08/abr.	2ª feira	Sacái
09/abr.	3ª feira	Tanauau
10/abr.	4ª feira	Itaquera
11/abr.	5ª feira	Xixuau



12/abr.	6ª feira	Chegada em Manaus (navegação)
---------	----------	-------------------------------

Fonte: <https://www.doutoresdasaguas.org.br/>

Os rios navegados foram cinco, ao total dessa etapa: Rio Negro, Paraná do Amajau, Rio Xeriuini, Rio Branco e Rio Javaperi.

Figura 1 - Rios Navegados na Expedição



Fonte: <https://www.doutoresdasaguas.org.br/>

## 6.2 Região do Baixo Rio Branco

Ao sul do Estado de Roraima e ao noroeste do estado do Amazonas se localiza a extensão do Rio Branco. Com trezentos e oitenta e oito quilômetros de extensão, ele surgiu da confluência do rio Tacutu e Uraricoera. O Rio tem a sua nascente em Vista Alegre - município de Caracaraí -, corta o centro-sul de Roraima e se encontra com o Rio Negro. Este atravessa Manaus e encontra com o Solimões, formando o famoso “Encontro das Águas”, onde a água ácida e escura do Rio Negro se encontra, mas não se mistura com a água de cor barrenta do Rio Solimões. O clima nesta região faz jus ao bioma Amazônia. Com uma temperatura elevada, que tem média de 27,9 °C durante a estação da seca e 25,8 °C durante a estação da chuva, a vasta região apresenta uma alta umidade relativa do ar<sup>22</sup>. Todos os anos, caem sobre a floresta amazônica chuvas torrenciais que variam entre 1.500 mm e

<sup>22</sup> Disponível em <floresta\_amazonica\_-\_clima\_e\_hidrografia.html>.

3.000 mm. Metade dessa água vem com os ventos alísios do oceano Atlântico, enquanto a outra parte provém da evapotranspiração, ou seja, da perda de água do solo por meio da transpiração das plantas e da evaporação. O período chuvoso dura cinco meses, de abril a setembro, enquanto a seca vai de outubro a março. A floresta tropical é o domínio fitogeográfico da região do Baixo Rio Branco e, assim, as principais espécies de árvores dessa região alcançam sessenta metros de altura. Apesar da grande variedade de plantas nessa região, o solo da floresta tropical é saturado, ou seja, não apresenta uma condição ideal de umidade para o desenvolvimento da maioria delas. A diversidade da vegetação do Baixo Rio Branco deve-se à grande disponibilidade de água, às temperaturas elevadas e ao processo de decomposição da matéria orgânica ser extremamente rápido, o que garante a ciclagem dos nutrientes e mantém o funcionamento desse complexo ecossistema.

### **6.3 A chegada da informação**

A pesquisa não encontrou literatura sobre os meios de comunicação dessas regiões, assim, a história da chegada da informação e do jornalismo nas comunidades se dá por meio do que os ribeirinhos lembram e contam. E apesar de não conter registros, o primeiro meio de comunicação que chegou às comunidades foi a televisão que, seguindo o padrão, retransmitia o que passava nos grandes canais. O feito de assistir a uma novela ou descobrir, por meio de uma tela, o que acontecia a quilômetros de distância dali, revolucionou as comunidades, que passaram a se sentir inseridas no mundo, como conta<sup>23</sup> a professora da comunidade de Itaquera, Noira Joyce.

Em seguida, como ela mesma acrescenta, o rádio chegou à região e transformou a vida de cada ribeirinho, não só de Itaquera, mas de todas as comunidades, justamente pelo fato, de trazer uma notícia local. O falecimento de uma pessoa, a vinda de uma tempestade, o surgimento de uma epidemia, a rotina da comunidade vizinha e acontecimento dos arredores eram noticiados no rádio, ajudando no processo de identificação com o seu próprio local. A programação

---

<sup>23</sup> Durante a visita a comunidade de Itaquera, a professora, em uma conversa informal comigo, expôs alguns fatos sobre os meios comunicacionais da região.

radiofônica, como contam os caboclos, acontecia somente no período da manhã, mas era diária.

O impresso nunca fez presença na região e, até hoje, se informar por meio de “papel” não faz sentido nenhum para eles, que veem o desmatamento exacerbado a poucos metros e não entendem tamanha necessidade.

Em 2007, o telefone comunitário surgiu nas comunidades ribeirinhas e conversar por meio dele acarretou horas de fila, que eram compensadas ao ouvir a voz da pessoa do outro lado, como conta Danielle<sup>24</sup>, da comunidade Remanso: “Conversar com os parentes e saber dos acontecimentos das cidades vizinhas ficou mais fácil, depois da instalação de orelhão na comunidade”. A ligação revolucionou a comunicação local, que não precisava mais correr perigo, como enfrentar o período de cheia do rio, ou tempestades inesperadas, em busca de informação. Em todas as comunidades visitadas, tanto a televisão, quanto o rádio e o telefone fizeram presença, mas nunca foram muito utilizadas de maneira radical. A televisão era ligada apenas nos horários da novela ou do futebol, o rádio só funcionava no período da manhã e o orelhão era usado em ligações pontuais. Assim, a informação que chegava até as comunidades era muito selecionada. A bolha da exclusão informativa era superada pelo entretenimento, e os noticiários passavam longe dali. Fato que mudou com a chegada da internet.

Dez anos depois, em 2017, o celular passou a fazer parte do Baixo Rio Branco e junto dele, a internet, o que causou uma revolução na região. A ideia de ter a informação na palma das mãos assustou, a princípio, os moradores, que, agora, não conseguem mais viver sem os aparelhos. Se comunicar com pessoas distantes e ao mesmo tempo se manter informado, foi um verdadeiro “milagre da modernização”, como caracteriza alguns ribeirinhos. Hoje, os caboclos gostam de se manter informados, sabem do que acontecem no Brasil e no mundo e têm a consciência que o jornalismo informativo foi uma mudança na qualidade de vida da comunidade.

#### **6.4 A informação relacionada aos dados de atendimento**

---

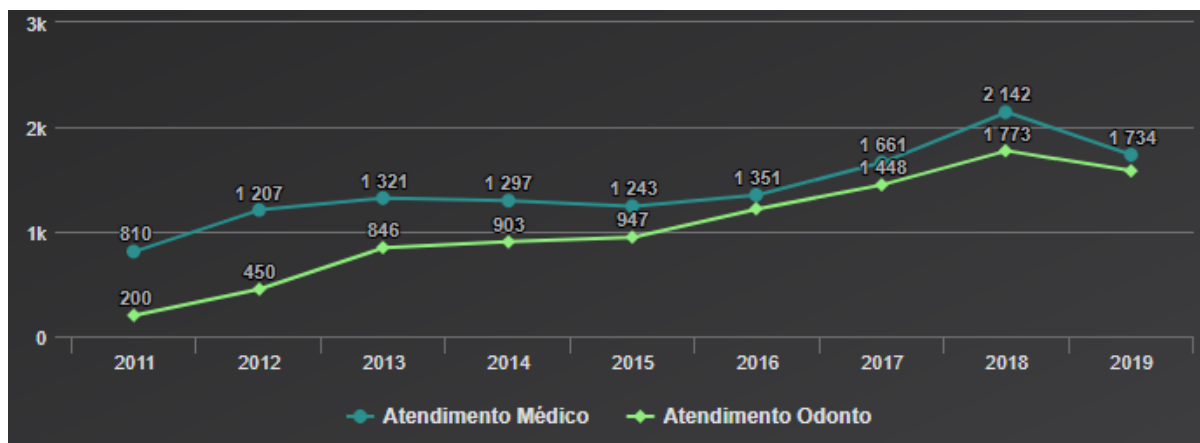
<sup>24</sup> Sobrenome não divulgado

Por meio dos dados obtidos pelos Doutores das Águas, observa-se um fator interessante, que pode ser relacionado, diretamente, a chegada e ao consumo da informação, nessas regiões. O histórico de atendimento revela uma alta dos primeiros anos do projeto voluntário até 2018. Isso deu-se por meio da falta de informação das comunidades ribeirinhas ao se depararem com a chegada de atendimento médico e odontológico na região. Sem conhecimento sobre um barco disposto a prestar serviço à comunidade, a única informação que eles tinham de pessoas chegando na região, era para a exploração, e, assim, não saíram de suas casas para serem atendidos, com medo do que pudesse acontecer.

Com o passar dos anos, o projeto que leva, além de atendimento para a saúde, informação à comunidade, conquistou a confiança dos ribeirinhos, que começaram a entender o quanto cuidar da saúde é importante. Curiosos, eles passaram a buscar informação sobre a saúde nos televisores de casa, e além da novela e do futebol, o Jornal Nacional, exclusivamente, passou a ser consumido, com mais frequência, a partir de 2012. Ao se depararem com um jornalismo regional, noticiando sobre a Amazônia e as grandes cidades ao redor, como Manaus, a identificação foi certa. Com a reprodução de uma realidade parecida com a sua, o acesso à informação começou a se tornar um processo cultural.

Conseqüentemente, foi a partir desse ano, que um aumento no atendimento dos Doutores das Águas pode ser observado, permanecendo com índices quase imutáveis, até 2016. Questionando sobre uma contribuição do jornalismo informacional no desenvolvimento das comunidades ribeirinhas e na melhora de vida dos caboclos, que passaram a aceitar o atendimento.

Figura 2 - Histórico de Atendimento Doutores das Águas



Fonte: Doutores das Águas, 2019

A partir de 2017, observa-se um grande salto no atendimento médico e odontológico. Se, respectivamente, os números do atendimento, em 2016, eram de 1.351 e 1.217, no ano seguinte, foram a 1.661 e 1.448. Fato que está relacionado com a chegada da internet nas comunidades.

### 6.5O poder dos instrumentos de comunicação

Horas antes de se chegar às comunidades, alerta-se no barco sobre a “carência” da população, principalmente, a alguns fatores que já foram apontados na pesquisa: a saúde, higiene e educação. Assim, pensa-se em comunidades nas quais aparelhos eletrônicos passam longe dali, mas, não foi o que se avistou. Ao pisar em terra firme, depara-se com muitos ribeirinhos tirando fotos, com os seus aparelhos eletrônicos, da chegada do barco, enviando o registro por Whatsapp a fim de avisar as comunidades vizinhas que a parada da vez é a sua casa. Um tanto tímidos, ao se encontrarem com os voluntários, eles guardam os celulares, por poucos minutos, para poder serem atendidos.

Os adolescentes apresentam uma grande dificuldade em se desvencilhar do aparelho e conectados ao fone de ouvido, entram no mundo da música regional, sendo envolvidos pelo entretenimento da informação. Conversar com os jovens é um tanto quanto difícil e conquistar a atenção deles para as dinâmicas que não

envolvam os celulares é uma tarefa árdua. Natanael<sup>25</sup>, de quinze anos, e morador da comunidade de Cachoeirinha, conta que quase todos da sua faixa etária têm um celular para chamar de seu, além de acrescentar que ele virou “melhor amigo” de muita gente. Ao ser questionado sobre o que fazem nos aparelhos e quais aplicativos são mais acessados, a resposta surge acompanhada de uma cara descrente sobre a pergunta, “Whatsapp e Facebook, qual mais seria?” Dando sequência ao papo, ele conta que quase todos os adolescentes da região do Baixo Rio Branco são amigos nas redes sociais, mesmo não tendo contato pessoalmente.

Quando a pauta muda de veículo comunicativo, Natanael conta que o rádio não é mais ouvido em sua comunidade, mas que a televisão ainda é muito assistida, principalmente nos horários da novela e do futebol. Ele ainda explicita que a Rede Globo é a detentora do melhor sinal da região, sendo a mais vista entre eles. “Foi na televisão que vi os meus dois maiores sonhos da vida: o de conhecer o mar e de fazer faculdade de gastronomia. Não consigo imaginar aquela imensidão de água, fiquei até emocionado quando vi na novela. A única imagem que eu tinha na cabeça de um lugar com muita água era o rio, e o mar não se parece com ele”. Já o sonho de cursar gastronomia apareceu depois de ver, ao lado da mãe - uma senhora de sessenta anos - uma notícia no Jornal Nacional que o encantou sobre esse mundo.

Constata-se, assim, depois do papo, a grande influência do celular na vida dos adolescentes, sendo considerado por eles um instrumento funcional, para aumentar o seu ciclo social. A televisão ainda tem grande influência na vida comunitária, e o horário da novela das nove, da Rede Globo, ainda é o mais assistido.

Em todas as comunidades, as observações feitas por Natanel são muito observadas, mas com menos frequência nas comunidades de Tanauau e Xixuau, que por serem mais carentes, não contam com a chegada da informação, influenciando, diretamente, no número de habitantes dessas regiões, que diminui a cada ano.

Na comunidade de Terra Preta, o jornalismo é bem observado. Todas as casas possuem televisões e ficam ligadas na maior parte do dia, como contam as também adolescentes de quinze anos, Ana Paula e Iracema. Apaixonadas por selfies, elas contam que as suas vidas mudaram depois da chegada do celular e,

---

<sup>25</sup> Sobrenome não divulgado

na televisão, passam horas assistindo as comédias românticas da sessão da tarde e acompanhando a novela das nove. As duas pararam de estudar na oitava série, e sem vontade de sair da região, não querem fazer ensino médio, nem faculdade. Ao serem questionadas sobre quais notícias elas consomem, dizem, com sinceridade, que sabem apenas do que acontecem nas comunidades vizinhas e que não tem interesse em saber das informações dos outros estados.

Terra Preta é apaixonada pelo time de futebol Flamengo, então, a cada vez que os jogos do clube carioca são transmitidos na televisão, cria-se um grande movimento na comunidade. Eles se juntam para assistir na casa do vizinho e fazem festa no início e no final da partida. Ao final dos noventa minutos de jogo, a televisão é desligada, e ninguém tem interesse em assistir os programas esportivos que comentam sobre a partida.

Em Sacai, a quinta comunidade visitada, a relação com a informação e com o jornalismo é mais presente. Não fazem uso dos celulares apenas para conversar com os amigos e parentes, mas também acessam sites amazônicos que lhes oferecem informação sobre a região. Mesmo sendo evidentes que esses acessos não ocorrem com frequência, eles têm um conhecimento básico do que acontece na região em que vivem. Além de serem consumidores do jornalismo regional por meio do celular, nas televisões e nos rádios esse consumo também acontece. Com conhecimento próprio sobre a floresta amazônica, eles não buscam informações nos assuntos ambientais, por acharem que já possuem conhecimento suficiente sobre o assunto. Deixando claro que, nas suas opiniões, as informações ambientais têm que ser difundidas em meio às áreas urbanas e não rurais. Nessa comunidade, a maioria dos jovens e adultos não querem envelhecer lá, e sonham em mudar para Manaus ou Caracaraí, em busca de serviço, que vá além da roça, e de melhores condições de vida. Fato que está diretamente relacionado ao grande consumo de informação, já que querem ir atrás daquilo que veem nos celulares e nas televisões.

Elivelton<sup>26</sup>, menino de dezoito anos, tem cinco irmãos, e é um dos únicos da sua idade que ainda não casou e não tem filhos. Praticante da religião Adventista do Sétimo Dia, ele não consome novelas, mas, junto a sua família, assiste programas religiosos, todos os dias, sendo o seu preferido os filmes sobre Jesus.

---

<sup>26</sup> Sobrenome não divulgado

Já Andreza<sup>27</sup>, de quinze anos, e amiga de Elivelton, compensa a ausência do colega nas redes sociais e usa com muita frequência o Facebook e o Whatsapp, deixando a escolha dos canais televisivos à sua tia, que é com quem mora.

A penúltima comunidade visitada é Itaquera, que segue os padrões de consumo informativo das outras, sem grandes mudanças. Aqui, o diferencial se encontra na priorização da educação, que com a ajuda dos professores, é um dos principais focos da comunidade. Interessados em aprender, eles consomem um jornalismo educativo, principalmente, os educadores, que por meio de vídeo educativos têm ideias de aulas e assuntos para serem desenvolvidos junto às crianças. Eles são consumidores de telejornais, e optam por estarem sempre bem informados, principalmente sobre os assuntos da região. É importante destacar que os professores não são dessas comunidades. Na maioria das vezes, são nativos das áreas urbanas que migram para essas regiões, depois de passarem em concursos. Isso, talvez, explique o fato de serem grandes consumidores do jornalismo informativo.

Depois de observar essa realidade inimaginável, por eles, da globalização dos aparelhos eletrônicos, Camila Vieira, manauara e voluntária do projeto há anos, expressa sua opinião sobre a chegada do celular na região. “O celular é um novo desafio. Chega e faz exatamente o que já fez com a gente (urbanos), dessocializa. Os faz reféns do aparelho eletrônico. E o novo é sempre uma grande descoberta. Talvez não haja dados a respeito do que ele causou nas comunidades quando adentrou, mas de qualquer forma não deixa de isolar e conectar a pessoa a outra sem estar presente”, elucida. A respeito da televisão, ela comenta o que foi observado: “A televisão quando funciona, pega os canais básicos e, certamente, a globo é um deles. Eles sabem muito sobre novela e futebol. O jornal é assistido pelos mais velhos, mas não chama tanta atenção assim”.

Assim, depois dessas observações, é evidente a presença de um jornalismo de entretenimento nas comunidades ribeirinhas. Ele não é regional e muito menos ambiental, é uma retransmissão dos grandes centros detentores da comunicação, como a Rede Globo. A informação básica chega até as regiões por meio da televisão e do celular, mas por motivos culturais e pela falta de incentivo, não é consumida. Os adolescentes têm no celular um novo mundo, enquanto os adultos,

---

<sup>27</sup> Sobrenome não divulgado



ainda se acostumam com o aparelho, e ao invés de ficarem trocando mensagens com os vizinhos, preferem assistir a algo mais “divertido” na televisão, como as novelas e os jogos de futebol. O rádio tornou-se um instrumento praticamente extinto na vida dos caboclos.

## 6.6 A informação e a emigração

Jeferson, de 20 anos, conta lembrar-se do momento exato da chegada da internet sem fio e do celular a Remanso, sua comunidade, e revela que muita coisa mudou depois disso. A escola que antes não tinha muitos professores passou a “investir” em educação, a partir de 2017, e hoje colhe os frutos ao possuir sala até o oitavo ano do ensino fundamental dois. A vinda de pessoas dispostas a ajudar a comunidade, também, aumentou com a chegada da internet e do aparelho móvel. Se comunicar com as pessoas de longe, sejam elas de outras comunidades e regiões, foi-se um verdadeiro sonho realizado na vida dos caboclos, facilitando a troca de produtos da roça entre os vizinhos comunitários.

Outro fato que Jeferson explana é a migração dos ribeirinhos às cidades urbanas da Amazônia. Que ao conhecerem o “mundo”, diante dos aparelhos tecnológicos e meios de comunicação, resolveram tentar uma vida diferente longe das comunidades.

Os dados da tabela elucidam a emigração com dados de 2017 a 2019, que, por meio da porcentagem mostram os índices de cada faixa etária na região do Baixo Rio Branco.

Tabela 7 - Faixa Etária na Região do Baixo Rio Branco

	2017	2018	2019
0 a 6	14.4	17.7	19.3
7 a 14	25.6	23.8	23.4
15 a 30	27.0	25.8	24.6
31 a 45	18.4	18.0	17.2
46 +	14.6	14.7	15.6

Ao analisar a tabela, fazendo um paralelo ao consumo midiático da região, evidencia-se uma queda numérica em alguns grupos etários que, conseqüentemente, são os que mais fazem uso dos novos meios de comunicação. De quinze a quarenta e cinco anos, observa-se uma diminuição desse grupo com o passar dos anos, ou seja, uma grande emigração dessa faixa está acontecendo.

O acesso à internet, nessas faixas etárias é muito visível. A cada dez adolescentes, oito possuem celular e são físsurados pelas redes sociais como Whatsapp e Facebook. Dos 31 a 45 anos, o número também decai isso, porque, a informação televisiva para eles é importantíssima. Mesmo com o celular, também, estando muito presente, o telejornal, juntamente, com a novela, filmes e jogos de futebol, chamam mais a atenção.

Assim, observa-se que a informação é essencial para o desenvolvimento das comunidades ribeirinhas e o jornalismo informativo é primordial para a melhora de vida dos ribeirinhos. A tendência é que esse aumento da informação cause, cada vez mais, uma inserção das comunidades no mundo globalizado, questionado se a tendência é uma diminuição dos caboclos nas suas áreas de origem, aumentando a migração dos mesmos, se comparados ao aumento da informação.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada de novos conceitos de comunicação, como a internet e o celular, proporcionou a entrada do jornalismo informativo, nas comunidades, somando-se a comunicação de entretenimento praticado, até então. Em 2018, um ano depois do surgimento da internet à região, o celular envolveu quase 50% da população rural amazônica, a televisão continuou se fazendo muito presente, com 73,8% da população a assistindo, e o rádio apresentou um índice de 59,8% de ouvintes..

No celular, os aplicativos Whatsapp e Facebook são os mais utilizados, na televisão, a maior audiência é vista em horários da novela e do futebol. E, atualmente, entre os mais velhos, o Jornal Nacional, da Rede Globo, também tem sido muito visto. Já o rádio, por sua vez, não é mais visto entre os jovens, perdendo a grande influência que tinha desde o seu surgimento.

Nesse contexto, vale destacar a importância do jornalismo regional, que se apresenta como um forte aliado na integração do jornalismo informacional junto aos povos daquele local. O jornalismo ambiental, por sua vez, não chega de maneira frequente a região, e, por isso, não ganha a atenção dos ribeirinhos, que enxergam a maneira que vivem como um grande meio informativo.

A partir desse novo cenário, observa-se, grandes mudanças nas vidas dos caboclos. O celular inseriu os ribeirinhos ao mundo globalizado, facilitando a comunicação entre eles. E, apesar de, a maior parte, utilizá-lo como uma inclusão cultural, e não como um meio informacional, o aparelho eletrônico foi o responsável pelo início de um “avanço” das comunidades ribeirinhas.

A migração tornou-se habitual, uma vez que os caboclos começaram a enxergar o mundo além dos rios e florestas, descobrindo possibilidades de novos conceitos de vida e oportunidades fora das comunidades. De acordo com os dados de 2019, do Doutores das Águas, houve uma diminuição da população de 15 a 45 anos, de 2017 a 2019. Sendo, esses grupos etários, os que mais consomem os veículos comunicacionais.

Apesar da informação, por meio do jornalismo, se fazer presente, atualmente, nas comunidades, ele continua não sendo tão consumido. O entretenimento chama muito mais a atenção do que uma informação, mesmo ela sendo regional. Dissociar

a ideia, dos ribeirinhos, de que o jornalismo é puramente lazer, é a chave para o consumo ir além da novela, do futebol, do Whatsapp e do Facebook. Além de apresentar a eles, que a informação é essencial para o desenvolvimento, em todas as áreas, das comunidades. Entender a importância da educação, da saúde, da higiene, por meio da comunicação, pode ser o “segredo” para a diminuição da alta taxa de mortalidade e o aumento de bem-estar social dos caboclos.

## REFERÊNCIAS

A MINHA RÁDIO. **Radiofusão por satélite**. Disponível em: [http://www.aminharadio.com/radio/radio\\_satelite](http://www.aminharadio.com/radio/radio_satelite). Acesso em: 06 out. 2019.

ABERT. **História do rádio no Brasil**. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil>. Acesso em: 03 out. 2019.

ALBUQUERQUE, R. **História do rádio no Amazonas**. Amazônia Real. 2014. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/historia-do-radio-no-amazonas/>. Acesso em: 26 out. 2019.

ALEXANDRE, T. B.; AVRELLA, B. **A trajetória histórica das redes de rádio no Brasil**. In: 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia (ALCAR SUL), 2014, Florianópolis. Livro de Resumos ALCAR SUL 2014, 2014.

ALSINA, R. M. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

AMBIENTE BRASIL. **Floresta Amazônica - Clima e Hidrografia**. Disponível em: [https://ambientes.ambientebrasil.com.br/amazonia/bacia\\_do\\_rio\\_amazonas/floresta\\_amazonica\\_-\\_clima\\_e\\_hidrografia.html](https://ambientes.ambientebrasil.com.br/amazonia/bacia_do_rio_amazonas/floresta_amazonica_-_clima_e_hidrografia.html). Acesso em: 03 out. 2019.

ANDRADE, A. L. L. **Usabilidades de Interfaces Web: Avaliação heurística no Jornalismo On-line**. Rio de Janeiro: E-papers Editora, 2007.

ANDREZA. **Informação verbal**. Entrevistador: Aline Cristina Martins Campanhã, 2019.

ARNT, H. Do jornal impresso ao digital: novas funções comunicacionais. 11 páginas. **INTERCOM**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Salvador/BA, 2002.

AVRELLA, B. **A trajetória do jornalismo local no rádio**. p. 15, 2013.

AVRELLA, B. **O Radiojornalismo local em pequenas emissoras: um estudo das rádios luz e alegria AM e Seberi AM**. 2014.

BARBOSA, I. **Amazonas ontem e hoje nas ondas do rádio**. 2015. Disponível em: <http://portalamazonia.com/cultura/amazonas-ontem-e-hoje-nas-ondas-do-radio>. Acesso em: 26 out. 2019.

BARDOEL, J; DEUZE, M. **Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism**. In: Australian Journalism Review 23 (2), p.91-103, 2001.

BAZI, R. E. R. **TV regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.

BERNO, G.; AGRA, K. L. de O. **A televisão na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento regional**. p.17, 2005.

BERTOLLI FILHO, C. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. p. 32, 2004.

BETTI, J. C. G. **As Redes de Rádio no Brasil: estratégia e desenvolvimento**. p. 15, 2011.

BIANCO, D. R. N. **Tendências da programação radiofônica nos anos 90 sob o impacto das inovações tecnológicas**. Professora do Departamento de Audiovisuais e Publicidade da Faculdade de Comunicação da UnB. Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília. 1999.

BONIXE, L. **Jornalismo radiofônico e Internet: Um estudo da evolução do uso das potencialidades online nas notícias dos sites da rádio**. v. 20, p. 29–42, 2012.

BUENO, W. da C. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 15, n. 0, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897>. Acesso em: 1 set. 2019.

BUENO, W. da C; SANTOS, M dos. **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. p.221, 2015.

BURGARDT, C. M. **Um acontecimento discursivo do século XIX: a criação de uma seca**. In: 3º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 2014, Maringá. 3º CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá: UEM-PLE, p. 01-12, 2014.

CABRAL, E. D. T. **História da Televisão Amazonense**. In: 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2003, Rio de Janeiro. 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2003.

CANAIS DE RADIODIFUSÃO DISTRIBUÍDOS - **Planos Básicos** - Anatel. 2012. Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/documentoVersionado.asp?numeroPublicacao=271201&documentoPath=271201.pdf&Pub=&URL=/Portal/verificaDocumentos/documento.asp>. Acesso em: 19 out. 2019.

CANAVILHAS, J. M. M. **Do jornalismo online ao webjornalismo**: formação para a mudança. p.07, 2006.

CAPARELLI, S. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: LP&M, 1982.

CARDOSO, R. **Fortalecimento da Sociedade Civil**. In: IOSCHPE, Evelyn. 3º Setor: desenvolvimento social sustentável. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CASTRO, F. F. Sistemas de Comunicação na Amazônia. **Revista Fronteira - Estudos midiáticos**, p. 179–191, 2012.

CAVALCANTI, B. de F. M. **Televisão Regional**: Leituras e Desafios. Universidade Estadual da Paraíba. p. 10. Campina Grande, PB, 2014.

CHAVES, M. do P. S. R. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia**: o estudo de caso do assentamento da reforma agrária Iporá. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP, 2001.

COLFERAI, S. A. Isolamento revisitado: o acesso à internet na Amazônia brasileira urbana. **Sessões do imaginário**, v. 29, n. 1, p. 36–41, 2013.

COLFERAI, S. A. **Jornalismo e identidade na Amazônia**: as práticas culturais legitimadas no jornal diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. p.198, 2009.

CRUZ, V. do C. O rio com espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In.: TRINDADE JUNIOR, S. C da; TAVARES, M. G da. C. **Cidades ribeirinhas na Amazônia**: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA 2008.

DEOLINDO, J. da S. **Regiões jornalísticas**: uma abordagem locacional e econômica da mídia do interior luminense. Tese (doutorado). 361f. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2016.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção nos trópicos. São Paulo: Annablume e NUPAUB/Universidade de São Paulo, 2000.

FADUL, A. Mídia Regional no Brasil: elementos para uma análise. In: FADUL, A.; GOBBI, M. C.; OLIVEIRA, A (Orgs.). **Mídia e região na era digital: diversidade cultural, convergência midiática**. São Paulo: Arte & Ciência, p. 23–40, 2006.

FERNANDES, M. L. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior. In: ASSIS, F de (Org.). **Imprensa do interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos Editora Uno Chapecó, 2013.

FERRAZ, L. R. **O Cotidiano de uma escola rural ribeirinha na Amazônia**: práticas em saberes na relação escola-comunidade. Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto/USP. Ribeirão Preto – SP, 2010.

FERREIRA, J. C. B. LOPES, V. PEDRINI, I. **A Regionalização do portal de notícias G1**: Um estudo sobre o site G1 Rio Preto e Araçatuba, 14 páginas. Leituras do Jornalismo, 2014.

FLICHY, P. **La explosión del monólogo**. Las radios paralelas en la Europa Occidental. In: Basstes, L. (Org.). De las Ondas Rojas a las Rádios Livres. Barcelona: Gustavo Gili, pp.180-188, 1981.

FONSECA, J. J. S da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, p, 20, 2002.

FRAXE, T. J. P. **Cultura Caboclo-Ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2004.

GAMA, Abel Santiago Muri et al. **Inquérito de saúde em comunidades ribeirinhas do Amazonas**, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro , v. 34, n. 2, e00002817, 2018 .

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.

GIRARDI, I. M. T. et al. **Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental**. Comunicação & Sociedade, v. 34, p. 131-152, 2012.

GOHN, M. G. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola. 1997.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia**, Amazônia. São Paulo: Contexto, 2010.

GRÁCIO, C. C. M.; TANNURI, F. E. O. Análise de concitação de autores: um estudo teórico-metodológico dos indicadores de proximidade, aplicados ao GT7 da ANCIB.. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 196-213, maio 2013.

GUTIÉRREZ MARTÍN, A (Coord.). **Formación del profesorado em la sociedad de la información**. Segovia, Espanha: Escuela Universitaria de Magisterio, 1998. p.159-183.



HALL, S. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, jul./dez. 1997.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HAUACHE, A. R. N. **A TV no Amazonas**. Manaus, 06 mai. 1999. Entrevista concedida a Eula Dantas Taveira.

HERREROS, M. C. **Información Radiofónica**: Mediación técnica, tratamiento y programación. Madrid: Editorial Síntesis, 1995.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil 1 por 1**, Censo 2010. Disponível em: [http://mapasinterativos.ibge.gov.br/atlas\\_ge/brasil1por1.html](http://mapasinterativos.ibge.gov.br/atlas_ge/brasil1por1.html). Acesso em: 01 set. 2019.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 09 set. 2019.

JEFERSON. **Informação verbal**. Entrevistador: Aline Cristina Martins Campanhã, 2019.

JOYCE, N. **Informação verbal**. Entrevistador: Aline Cristina Martins Campanhã, 2019.

JÚNIOR, A de G; *et al.* **A religiosidade em comunidades ribeirinhas da Amazônia**: vivência da espiritualidade a partir de saberes e cultura popular em relação com movimentos e organizações sociais. p.26, 2016.

LAGE, N. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, v. 1, n. 1, p. 20–25, 2014.

LIRA, T. M; CHAVES, M. P. S. R. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia**: organização sociocultural e política. p.11, 2015.

LOSCHI, Agência de Notícias, IBGE , **Revista Retratos**, 2013.

LOUREIRO, J. J. P. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

LOURENÇO, Nelson. Globalização e glocalização. **Mulemba**, 2014. Disponível em: <: [http:// journals.openedition.org/mulemba/203](http://journals.openedition.org/mulemba/203)>. Acesso em: 14 out. 2019.

MACEDO, C. O.; COSTA, A. M. D. **Memórias interioranas**: campo e cidade através do rádio numa comunidade ribeirinha amazônica. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 20, n. 1, p. 130-141, mês. 2016. ISSN 2179-0892.

MARTINS. A. M. **O Brasil e a globalização das comunicações na década de 90**. Universidade de Brasília. Relações Internacionais. Mestrado. 1999.

MEIRELLES FILHO, J. **O Livro de ouro da Amazônia**: Mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta. Ediouro, 2004.

MIELNICZUK, L. **Webjornalismo de terceira geração**: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a Web. XXVII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Porto Alegre, 2004.

MORAES, C. H. **Jornalismo ambiental**: dilemas de uma quase especialidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 6., 2008.

MORAN, E. F. **Meio ambiente e ciências sociais**: interações homem-ambiente e sustentabilidade. São Paulo: Senac, 2011.

MOREIRA, S. V. Jornalismo na rádio jornal do Brasil. IN: ORTRIWANO, G. S (Org.). **Radiojornalismo no Brasil**: dez estudos regionais. São Paulo: Com-arte, 1987.

MOURA, L. **Como escrever na rede**: manual de conteúdo e redação para Internet. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MULTIRIO - A MÍDIA EDUCATIVA DA CIDADE. **A Imprensa Régia**. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/52-o-rio-de-janeiro-como-a-capital-do-reino/2483-a-imprensa-regia>. Acesso em: 03 out. 2019.

NATANAEL. **Informação verbal**. Entrevistador: Aline Cristina Martins Campanhã, 2019.

NOGUEIRA, L. E. **O rádio no país das Amazonas**. Manaus: Valer, 1999.

OLIVEIRA, D. de P. R. **Planejamento Estratégico**. 26ª ed, São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, E. M. M. O. **Amazonas ontem e hoje nas ondas do rádio**. 2015. Disponível em: <<http://portalamazonia.com/cultura/amazonas-ontem-e-hoje-nas-ondas-do-radio>>. Acesso em: 09 set. 2019.

OLIVEIRA, I. A. (org). **Cartografias de saberes**: representações sobre a religiosidade em práticas educativas populares. Belém: Eduepa, 2008

ORTIZ, R. **Cultura e Modernidade**. 1<sup>o</sup>. [s.l.]: Brasiliense, 1999.

OTRIWANO, V. G. **A informação no rádio**. São Paulo, Summus Editorial, p. 15, 1985.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

PERUZZO, C. M. K. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular**, Alternativa e Comunitária. p. 17, 2006.

PERUZZO, C. M. K; VOLPATO, M. O. **Conceitos de comunidade, local e região**: inter-relações e diferença. p. 14, 2016.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manuel de recherche en sciences sociales**. Paris: Dunod, 1995.

Rede Amazônica de Rádio e Televisão: Um império na Amazônia. Eula Dantas Taveira. 2013.

REIS, T. A. Jornalismo Regional: uma leitura a partir dos critérios de noticiabilidade do jornal O Progresso. **Jornalismo Regional: uma leitura a partir dos critérios de noticiabilidade do jornal O Progresso**, p. 11, 2018.

RIBEIRO, S. N; BOTELHO, I. **A televisão e a política de integração nacional**. In: NOVAES, A. (org). Anos 70: ainda sob a tempestade. Rio de Janeiro: Aeroplano: Senac Rio, 2005.

ROCHA, P. M.; ZAUITH, G. **Jornalismo regional: transformações históricas e a profissionalização da carreira**. 2011.

SANTOS, C. J. G dos. **Oficina da pesquisa**: Metodologia Científica. p. 10, 2015.  
SANTOS, D. R dos; CASTRO, J. M de. **Jornalismo do Interior**: Características, estigmas e seu papel na sociedade. p. 13, 2013.

SANTOS, M. C. **A importância do noticiário local de rádio em tempos de globalização**: uma análise da opinião dos ouvintes da Rádio Itatiaia. Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, MG. 2010, p.1-15.

SANTOS, M.; BUENO, C. W. **Jornalismo especializado no Brasil**: teoria, prática e ensino, volume 1, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. p. 330. Editora Metodista, 2015.

SEBRAE. **Entenda o que são OSCIPs e como elas funcionam**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/oscip-organizacao-da-sociedade-civil-de-interesse-publico,554a15bfd0b17410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 10 out. 2019.

SILVA, L. F. S. **Webjornalismo Colaborativo ou Culto ao Amador?** p. 91, 2011.

SILVA, M. da C.; CARVALHO, S. V. C. B. R. A Importância do Regional e o Local para o Portal Piauiense Cidade Verde. **A Importância do Regional e o Local para o Portal Piauiense Cidade Verde**, p. 15, 2016.

SOUSA, J. P. **Uma história breve do jornalismo no ocidente**. p. 201, 2008.

SOUSA, M. de J. S. **Saberes e modos de fazer objetos artesanais na reserva de desenvolvimento sustentável amanhã**: um estudo da cultura material ribeirinha. p.161, 2011.

STEINBRENNER, R. A. **Centralidade Ambiental x Invisibilidade Urbana** (ou os novos “fantasmas” da Amazônia). XII Encontro Nacional da ANPUR. Belém: NAEA, 2007 (CD).

TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. Rio de Janeiro: Record, 1988.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa. Florianópolis: Insular, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUZZI, O.; LEAL, D. De caixeiros a seringalistas: portugueses comerciantes no rio Madeira. **De caixeiros a seringalistas: portugueses comerciantes no rio Madeira**, p. 15, 2016.

VIANA, R. L.; FREITAS, C. M; GIATTI, L. L. Saúde ambiental e desenvolvimento na Amazônia legal: indicadores socioeconômicos, ambientais e sanitários, desafios e perspectivas. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 233-246, Mar. 2016.

VIEIRA, C. **Informação verbal**. Entrevistador: Aline Cristina Martins Campanhã, 2019.